

*Antígona* sobre muros  
casamento. *Mortos e vivos*

SÉRIE MITO E (RE)ESCRITA

• *Da velhice à justiça: Antígona e a crítica platônica da tirania* • *Jean Cocteau e a filha de Édipo* • *Las Antígonas de Espriu* • *Entre Sófocles y Anouilh: la Antígona y su nodriza en la refección de Memé Tabares* • *Antígona: nome de código – A peça em um ato de Mário Sacramento* • *Antígona e Medeia no conto “a Benfazeja”, de João Guimarães Rosa* • *Creonte, o tirano de Antígona. Sua recepção em Portugal* • *Uma Antígona diferente, em la Serata a Colono de Elsa Morante* • *Algunas Antígonas en España (s. XX)* • *Antígona entre muros, contra os muros de silêncio: Mito e História na recriação metateatral de José Martín Elizondo* • *Antígona: Norma*

ANTÍGONA

# A ETERNA SEDUÇÃO DA FILHA DE ÉDIPO

ANDRÉS POCIÑA, AURORA LÓPEZ, CARLOS MORAIS  
E MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

COORDENAÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*e Transgressão, em Sófocles e em Hélia Correia*  
• *La Antígona en lengua asturiana* • *Antígona*

Da velhice à justiça:  
*Antígona* e a crítica platônica da tirania

(From oldness to justice: Antigone and Platonic criticism of tyranny)

Maria das Graças de Moraes Augusto (mgmaugusto@yahoo.com.br)  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Πατραλοΐαν, ἦν δ' ἐγώ, λέγεις τύραννον καὶ χαλεπὸν γηροτρόφον,  
Pl., R. 569d 6-7.<sup>1</sup>

RESUMO – As questões delineadas na tragédia de Sófocles, *Antígona*, são um tema que, com todas as suas variações – metafísicas, estéticas, políticas e éticas – tem inquietado os filósofos que, cedendo à “sedução” da filha de Édipo, refletiram sobre as relações de ‘poder’ que envolvem a condição e as ações humanas. Nesse sentido, não nos parece ser desconexa, sob essa ótica, a suspeita de que uma das mais antigas, e porque não, a mais vital recepção de *Antígona* esteja no clássico, igualmente vital, do pensamento antigo: a *República*, de Platão. É, pois, nesse contexto de recepção que vimos retomar aqui uma leitura já demasiadamente conhecida – a radical crítica platônica à poesia trágica –, buscando, todavia, refletir acerca de uma questão específica e comum a ambos os textos, na qual possamos encontrar elementos que nos permitam constatar, no referido diálogo platônico, uma ‘releitura’ específica do texto de *Antígona*, onde, em lugar do tradicional antagonismo entre poesia trágica e filosofia, esteja claramente delineada uma continuidade reflexiva num tema comum a ambos os textos: a velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Sófocles-*Antígona*; Platão-*República*; Velhice e Tirania. Velhice e Justiça.

ABSTRACT – The issues outlined in the tragedy of Sophocles – *Antigone* – are a theme that, with all its variations – metaphysical, aesthetic, ethical and political – has troubled philosophers who, yielding to the “seduction” of Oedipus’s daughter, reflected on the relations of “power” involving the human condition and the human actions. In this sense, it does not seem to be inappropriate to suspect that one of the oldest, and why not, the most vital reception of Antigone may be found in the classic, equally vital, work of the ancient thought – the Republic of Plato. It is therefore in this context of reception that we intend to revisit a very well-known subject – the radical platonic critique of tragic poetry – seeking, however, to reflect on a particular issue, common to both texts, in which it is possible to find elements that let us see, in that platonic dialogue, a specific reinterpretation of Antigone, where, instead of the traditional antagonism between tragic poetry and philosophy, a reflexive continuity within a common theme to both texts – old age – is clearly outlined.

KEYWORDS: Sophocles – *Antigone*; Plato – *The Republic*; Old age and Tyranny. Old age and Justice.

---

<sup>1</sup> “Parricida, pelo que dizes, e hostil com a velhice é o tirano, [...]”.

*Antígona* e as questões delineadas na tragédia de Sófocles é um tema que, com todas as suas variações – metafísicas, estéticas, políticas e éticas – têm inquietado os filósofos desde Aristóteles até Hegel, de Hegel a Hölderlin, Heidegger, Lacan, Derrida e tantos outros pensadores – que nos seria impossível todos aqui nomear – que, cedendo à “sedução” da filha de Édipo, refletiram sobre as relações de ‘poder’ que envolvem a condição e as ações humanas. Nesse sentido, não nos parece ser desconexa, sob essa ótica, a suspeita de que uma das mais antigas, e porque não, a mais vital recepção de *Antígona* esteja no clássico, igualmente vital, do pensamento antigo: a *República*, de Platão.

É, pois, nesse contexto de recepção que vimos retomar aqui uma leitura já demasiadamente conhecida – a radical crítica platônica à poesia trágica<sup>2</sup> –, buscando, todavia, refletir acerca de uma questão específica e comum a ambos os textos, na qual possamos encontrar elementos que nos permitam constatar, no referido diálogo platônico, uma ‘releitura’ específica do texto de *Antígona*, onde, em lugar do tradicional antagonismo entre poesia trágica e filosofia, esteja claramente delineada uma continuidade reflexiva num tema comum a ambos os textos: a velhice.

A presença de Sófocles nos diálogos de Platão, embora não possa ser demarcada por uma presença nominalmente forte – como, por exemplo, as de Homero e Hesíodo –, está registrada em duas passagens da *República* e do *Fedro*, que nos remetem para dois contextos fundamentais no âmbito dos diálogos: [i] aquele que compõe o estatuto da natureza e da condição humanas, expresso na *República*, pelo significado gnosiológico da velhice<sup>3</sup>, e, [ii] aquele que envolve tanto a crítica geral da poesia, e da tragédia, em particular, também enunciado na *República*<sup>4</sup>, quanto às relações entre *phý-*

---

<sup>2</sup> Sobre a crítica platônica à tragédia, vide, sobretudo, *República*, *Simpósio*, *Fedro*, *Filebo* e *Leis*.

<sup>3</sup> Cf. Pl., *R.* 329c e 329d.

<sup>4</sup> No caso da tragédia, as interconexões na *República* são muitas, e em especial valeria citar os livros VIII e IX, onde Platão nos oferece larga e contundente crítica da democracia – na qual a tragédia emerge, não nos esqueçamos –, e da tirania como as formas mais corrompidas de governo. Nesse contexto, as aproximações entre os dois textos são muitas, e se a atribuição feita já desde o final da Antiguidade e hoje aceita por muitos filólogos de que o verso “οἱ σοφοὶ τύραννοὶ τῶν [...] σοφῶν συνουσίᾳ”, citado por Platão, no passo 568b 1 da *República*, e por ele atribuído a Eurípides, pertence a uma tragédia perdida de Sófocles, *Ajax de Locros* (Fr.14 Pearson e Fr. 14 Radt) as ligações com *Antígona* ficariam ainda mais evidentes. Sobre a questão Cf. Pearson 1963:8-10 e 12-13 e Radt 1999. Vale observar ainda que o mesmo verso será citado no diálogo ‘suspeito’ *Téages* 125b 7, também como sendo de Eurípides: {ΣΩ.} Τί οὖν ἄν εἰ Εὐριπίδῃ τι προσχρησάμεθα, ὃ θεάγε;

sis, *meléte*, *epistéme*, e a crítica da retórica na delimitação da ‘propriedade’, do ‘poder’, isto é, da *dýnamis* do *lógos* filosófico<sup>5</sup>.

No presente estudo, vamos nos deter no aspecto [i], procurando mostrar como a menção a Sófocles, o primeiro poeta nominalmente citado na *República*, nos passos 329c e 329d, aponta para uma específica ‘releitura’ do texto da *Antígona* de Sófocles, e da importância dessa primeira recepção para a constituição da temática do diálogo – a definição da justiça e o estatuto da ação justa como substrato da *eudaimonía* –, que será inferida por Sócrates a partir da explicação dada por Céfalo acerca do “maior bem” que lhe advém de sua “*ousía*”.<sup>6</sup>

### 1. *Antígona*: a velhice e a conquista do “*tò phronéîn*”.

Se tomarmos como ponto de partida de nossa reflexão a conclusiva fala do Coro nos versos finais de *Antígona* –

{ΧΟ.} Πολλῶ τὸ φρονεῖν εὐδαιμονίας  
πρῶτον ὑπάρχει· χρὴ δὲ τὰ γ' εἰς θεοῦς  
μηδὲν ἀσεπτεῖν· μεγάλοι δὲ λόγοι  
μεγάλας πληγὰς τῶν ὑπεραύχων  
ἀποτείσαντες  
γῆρα τὸ φρονεῖν ἐδίδαξαν.

Em muito, a compreensão, da felicidade  
é a primeira condição; aos deuses

---

Εὐριπίδης γάρ πού φησιν – σοφοὶ τύραννοι τῶν σοφῶν συνουσίᾳ εἰ οὖν ἔροικό τις τὸν Εὐριπίδην· “ἼΩ Εὐριπίδη, τῶν τίσοφῶν συνουσίᾳ φης σοφοὺς εἶναι τοὺς τυράννους;” As discussões sobre a autoria desses versos parecem ter tido seu início com os *scholia* ao verso 21 das *Tesmofoρίας*, de Aristófanes (Οἷόν γέ πού ‘στιν αἱ σοφαὶ ξυνουσίαι.), onde, acreditam alguns comentadores, Aristófanes faria referência a esses versos como sendo de Eurípidēs, e aonde, entretanto, o escoliasta anota que o verso citado pertence a Sófocles e que ele pertenceria à tragédia, já naquele momento perdida, *Ájax de Locros*, acusando também o equívoco em Platão e Antístenes. Cf. Adam 1963: v. 2. Esta informação parece ser confirmada por Aulo Gélio, XIII, 68 e por Libânio, *Epístola* 33.

<sup>5</sup> Cf. Pl., *Phdr.* 268c 6 e 269a 1.

<sup>6</sup> Cf. Pl., *R.* 330d 1-3: Πάνυ μὲν οὖν, ἦν δ' ἐγώ. ἀλλὰ μοι ἔτι τοσόνδε εἰπέ τίς μέγιστον οἶει ἀγαθὸν ἀπολελαυκένι τοῦ πολλῆν οὐσίαν κεκτηῖσθαι;

não se deve a impiedade: grandes discursos,  
grandes dores, pagam os irreverentes,  
[só] a velhice a compreensão ensina.<sup>7</sup>

– e com eles acompanharmos o percurso narrativo que levou o Corifeu a tal conclusão, veremos que os elementos que serão evocados por Platão na passagem citada do Livro 1, e em suas consequências na conformação argumentativa da *República*, estarão plenamente demarcados no texto trágico.

Em primeiro lugar, a experiência de “*tò phroneîn*”, na *Antígona*, está associada tanto às personagens da tragédia em suas escolhas existenciais e políticas, quanto, na estrutura cronológica de cada uma delas, às suas idades de vida: os jovens Ismênia, Antígona e Hêmon, o homem maduro que é Creonte, e os velhos do Coro e Tirésias.

A primeira ocorrência do verbo *phroneîn* nos é dada na fala de Ismênia, nos vv. 49-68:

{ΙΣ.} Οἷμοι φρόνησον, ὦ κασιγνήτη, πατήρ  
ὡς νῶν ἀπεχθῆς δυσκλεῖς τ' ἀπώλετο,  
πρὸς αὐτοφώρων ἀμπλακημάτων διπλᾶς  
ὄψεις ἀράξας αὐτὸς αὐτουργῶ χερὶ  
ἔπειτα μήτηρ καὶ γυνή, διπλοῦν ἔπος,  
πλεκταῖσιν ἀρτάναισι λωβᾶται βίον·  
τρίτον δ' ἀδελφῶ δύο μίαν καθ' ἡμέραν  
αὐτοκτονοῦντε τῷ ταλαιπώρῳ μόρον  
κοινὸν κατειργάσαντ' ἐπαλλήλοιν χεροῖν.  
Νῦν δ' αὖ μόνᾳ δὴ νῶ λελειμμένα σκόπει  
ὄσῳ κάκιστ' ὀλούμεθ', εἰ νόμου βία  
ψῆφον τυράννων ἢ κράτη παρέξιμεν.  
Ἄλλ' ἐννοεῖν χρὴ τοῦτο μὲν γυναῖχ' ὅτι  
ἔφυμεν, ὡς πρὸς ἄνδρας οὐ μαχομένα  
ἔπειτα δ' οὔνεκ' ἀρχόμεσθ' ἐκ κρεισσόνων  
καὶ ταῦτ' ἀκούειν κᾶτι τῶνδ' ἀλγίονα.  
Ἐγὼ μὲν οὔν αἰτοῦσα τοὺς ὑπὸ χθονὸς

<sup>7</sup> S., *Ant.* 1347-1354. A tradução dos versos 1347-1354 é nossa, as demais citações traduzidas da *Antígona* são as de Schüler 2006. Em algumas passagens alteramos a tradução de “*phroneîn*” para preservar o sentido que acreditamos ser aquele que melhor compõe com o texto platônico. Os grifos são nossos, e usados visando chamar a atenção do leitor para os pontos da tragédia que nos parecem próximos da *República*. Para o texto grego citamos a edição de Dain, Mazon e Irigoin 2002.

ξύγγνοιαν ἴσχειν, ὡς βιάζομαι τάδε,  
τοῖς ἐν τέλει βεβῶσι πείσομαι· τὸ γὰρ  
περισσὰ πράσσειν οὐκ ἔχει νοῦν οὐδένα.

Ai de mim! Compreende, irmãzinha, nosso pai,  
pereceu odiado, escarnecido;  
ao descobrir seus crimes, os dois  
olhos arrancou, ele mesmo, com suas próprias mãos;  
depois, ela, mulher e mãe dele, dois nomes para a mesma,  
no laço de uma corda extinguiu a vida;  
há pouco, nossos irmãos, num mesmo dia  
se mataram, desditos, o destino  
comum selaram, aniquilando-se mutuamente no poder dos braços.  
Agora, restamos só nós duas; vê  
que morte miserável teremos, se à força da lei  
e à decisão soberana do tirano nos opusermos  
Põe na cabeça isso, mulheres  
somos, não podemos lutar com homens.  
Há mais, somos dirigidas por mais fortes,  
temos que obedecer a estas leis e a leis ainda mais duras.  
De minha parte, rogo aos que estão debaixo da terra  
que tenham piedade de mim, sou forçada a isso,  
obedecerei a quem está no poder; fazer  
mais do que isso não tem nenhum sentido.<sup>8</sup>

No contexto do prólogo, portanto, é Ismênia a primeira a dimensionar o nível da ‘compreensão’ ao levar Antígona a examinar os seus argumentos para não infringir as leis estabelecidas por Creonte: [i] as mortes de Édipo e Jocasta, a morte de Éteocles e Polinices; [ii] o aspecto violento do *nómos*; [iii] o poder do tirano; e, [iv] a ‘obediência à lei’ que abarca não só a condição feminina, mas, também, o fato de serem governadas pelo “mais forte” (*kreissónon*), donde o reconhecimento de que a obediência deve ser dada a quem está no poder (e que, acreditamos, será retomada no argumento de Trasímaco, em *República*, 338c, quando este afirmar que o “justo é o inte-

---

<sup>8</sup> S., *Ant.* 49-68.

resse do mais forte (*krettonos*)” e em seguida identificar o mais forte com o governante, o que nos levará a um dos grandes temas do diálogo platônico<sup>9</sup>.

Na sequência, na segunda ocorrência, o que nos parece importante considerar são os versos 354-355, da Estrofe 2, do Primeiro Estásimo, cujo tema maior, como todos sabemos, é o ‘homem’:

Καὶ φθέγμα καὶ ἀνεμόεν {Str. 2.}  
φρόνημα καὶ ἀστυνόμους  
ὄργαξ ἐδιδάξατο, καὶ δυσαύλων  
πάγων <έν>αίθρεια καὶ  
δύσομβρα φεύγειν βέλη  
παντοπόρος ἄπορος ἐπὶ οὐδὲν ἔρχεται  
τὸ μέλλον· Ἄιδα μόνον  
φεῦξιν οὐκ ἐπάξεται, νό-  
σων δὲ ἀμηχάνων φυγὰ  
ξυμπέφρασται.

A voz, o pensar  
volátil e as urbanas leis  
das assembleias ele as ensinou  
a si mesmo, fugiu  
da áspera agressão do frio  
e dos dardos das tempestades.  
Aparelhado, desaparelhado não acata nada  
do que lhe advém; só da morte [do Hades]  
fuga não lhe acena,  
ainda que de indômitas moléstias  
alcance escape.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Cf. Pl., R. 338c 1 e 338e 1-339<sup>a</sup> 1-4: φημί γὰρ ἐγὼ εἶναι τὸ δίκαιον οὐκ ἄλλο τι ἢ τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον. [...]Τίθεται δέ γε τοὺς νόμους ἐκάστη ἢ ἀρχὴ πρὸς τὸ αὐτῆς συμφέρον, δημοκρατία μὲν δημοκρατικούς, τυραννίς δὲ τυραννικούς, καὶ αἱ ἄλλαι οὕτως θέμεναι δὲ ἀπέφηναν τοῦτο δίκαιον τοῖς ἀρχομένοις εἶναι, τὸ σφίσι συμφέρον, καὶ τὸν τούτου ἐκβαίνοντα κολάζουσιν ὡς παρανομοῦντά τε καὶ ἀδικοῦντα. τοῦτ' οὖν ἐστίν, ὃ βέλτιστε, ὃ λέγω ἐν ἀπάσαις ταῖς πόλεσιν ταυτὸν εἶναι δίκαιον, τὸ τῆς καθεστηκυίας ἀρχῆς συμφέρον· αὕτη δὲ που κρατεῖ, ὥστε συμβαίνει τῷ ὀρθῶς λογιζομένῳ πανταχοῦ εἶναι τὸ αὐτὸ δίκαιον, τὸ τοῦ κρείττονος συμφέρον.

<sup>10</sup> S., *Ant.* 354-363.

Observemos que, enquanto *phrónema*, a compreensão (que será a seguir perfeitamente identificável no contexto da *República*, sobretudo, quando os modos de ser da cidade estiverem definidos como *andreía*, *sophía*, *sophrosýnē*; a *sophía*, aquilo que é próprio do governante, será compreendida como *phrónēsis*)<sup>11</sup> nos mostra como, juntamente com a voz, a conquista da ‘humanidade’ se dá pelo exercício da vida política. Ou melhor, a ‘vida política’ resulta da articulação do *phroneîn* com a voz e com a proteção da cidade, que possibilitou aos homens superar o frio, as tempestades e as aporias (ἄπορος ἐπ’ οὐδὲν ἔρχεται) que lhes advêm, com exceção do Hades, de onde não se pode fugir.<sup>12</sup>

É assim que na Antístrofe 2, do Primeiro Estásimo, no verso 375, voltamos a encontrar o *phroneîn*, expressando, de modo específico e relativo, o conhecimento do homem – entre a *sophía* e a *tékhnē*, resguardadas as intrínsecas relações que a tradição entre elas estabeleceu, o *sophós* e o *demiourgós* –, mediados pelo *nómos* e pela *dikē*, que garantem a sua legitimidade:

Σοφόν τι τὸ μηχανόεν {Ant. 2.}  
τέχνας ὑπὲρ ἐλπίδ’ ἔχων,  
τοτὲ μὲν κακόν, ἄλλοτ’ ἐπ’ ἐσθλὸν ἔρπει,  
νόμους παρείρων χθονὸς  
θεῶν τ’ ἔνορκον δίκαν  
ὑψίπολις ἄπολις ὄτω τὸ μὴ καλὸν  
ξύνεστι τόλμας χάριν·  
μήτ’ ἐμοὶ παρέστιος γέ-  
νοιτο μήτ’ ἴσον φρονῶν  
ὃς τάδ’ ἔρδοι.

De saber fecundo,  
move recursos inesperados  
ora ao bem, ora ao mal.  
Una as leis da terra  
à justiça jurada

<sup>11</sup> Cf. Pl., *R.* 432a 5 e 433b 8.

<sup>12</sup> Sobre a “ode ao homem” e seus desideratos filosóficos e platônicos, vide, por exemplo: Conford 1907: 228-232; Segal 1964: 46-66; Hester 1971 :11-59; Bodeüs 1984 :271-290; Goldhill 1986: Saxonhouse 1986: 403-448; Oudemans e Lardinois 1987: 118-214; Blundell 1989: 106-148; Nussbaum 2001: 51-117; Beer 2004: 19-30 e 67-80; Kitzincher 2008: 11-70.

dos deuses, e amuralhado será;  
desamuralhado  
se saiba, porém,  
atrevido-se a insultá-las.  
De meus altares  
não se aproxime  
nem perturbe meu pensar  
quem assim procede.<sup>13</sup>

E aqui já poderíamos indicar as muitas questões que esses versos adjuntam ao texto platônico: [i] as relações entre *sophía* e *tékhnē*, tão enfatizadamente abordadas no Livro I da *República* nas conversas de Sócrates com Polemarco e Trasímaco, são delineadas por Sófocles em toda a sua ambiguidade: a pluralidade de *tékhnai* que a *sophía* comporta pode voltar-se “ora ao bem, ora ao mal” (e como é dito por Sócrates, no Livro I, exemplificando essa ambiguidade, no exemplo da *iatriké*, o médico é o mais hábil seja para curar, seja para matar<sup>14</sup>); daí a necessidade [ii] da união de *nómos* e *dike*, tal como argumentará Céfalos ao falar da *dike*, como fonte do temor trazido aos velhos ao se aproximarem da morte.<sup>15</sup> E dessa união resultará a ‘muralha’ que resguarda os homens da *adikía* pela experiência da *pólis*; daí então que a perda dessas muralhas instaure a condição “ápolis”, que ocorre àqueles que insultam o *nómos* e a *dike*, e por isso o Coro pedirá que estes não perturbem o seu *phroneîn*, isto é, a sua capacidade de compreensão tanto da vida política, quanto religiosa.

Se concordarmos que tal interpretação está correta, talvez pudéssemos admitir já estar aqui indicada uma das fontes da tese platônica, demonstrada nos argumentos de Sócrates contra Trasímaco, de que a antinomia sofística entre *nómos* e *phýsis* deve ser refutada em favor de sua natural coalescência, o que nos garantiria o modo reto de apreensão do que são a justiça e a injustiça.

Quando passamos ao Segundo Episódio, que tem início com o Corifeu anunciando que Antígona foi apanhada em estado de *aphrosýne*, pois havia sido flagrada em plena desobediência (*apístia*) das leis da *basileía*, isto é, do soberano da cidade, vamos encontrar duas variações de “*tò phroneîn*”, agora na perspectiva de Creonte, nos versos 474-475 – em sua resposta ao Corifeu

<sup>13</sup> S., *Ant.* 365-375.

<sup>14</sup> Cf. *Pl.*, *R.* 333e.

<sup>15</sup> Cf. *Pl.*, *R.* 330d-331a.

quando este avalia o diálogo anterior do governante com Antígona, – e, em seguida, no diálogo entre Ismênia e Antígona, no verso 557.

Dando sequência à interlocução entre o *phylax* e Creonte e entre Creonte e Antígona, onde ocorre o enfrentamento entre as ‘leis da cidade’ e as ‘leis não-escritas’, “perenes, dos deuses”, e ainda entre Antígona e aquele que ela chamará de “tirano”, veremos o Corifeu concluir que ela faz parte de “uma estirpe inflexível, de um pai inflexível filha”, e que “não sabe ceder aos golpes do mal”. E será em resposta ao Corifeu que Creonte dirá:

{ΚΡ.} Ἄλλ' ἴσθι τοι τὰ σκλήρ' ἄγαν φρονήματα  
πίπτειν μάλιστα, καὶ τὸν ἐγκρατέστατον  
σίδηρον ὅπτὸν ἐκ πυρὸς περισκελῆ  
θραυσθέντα καὶ ῥαγέντα πλεῖστ' ἄν εἰσίδοις.  
Σμικρῷ χαλινῷ δ' οἶδα τοὺς θυμουμένους  
ἵππους καταρτυθέντας· οὐ γὰρ ἐκπέλει  
φρονεῖν μέγ' ὅστις δοῦλός ἐστι τῶν πέλας.

Sabe, entretanto, que os pensamentos mais rijos  
são os que mais quebram. Verás o ferro  
mais inflexível, endurecido a fogo,  
rachar com frequência e romper.  
Com um pequeno pedaço de bronze sei que os potros  
mais xucros são domados. Não se mostre  
altaneiro quem é escravo do pensar alheio.<sup>16</sup>

Após a acirrada discussão com Creonte e a chegada de Ismênia que, diante da condenação de Antígona pelo tirano, oferece a *koinonía* anteriormente negada – uma vez que o *noûs* que ambas trazem de nascimento não permite que ela sobreviva ao infortúnio da irmã<sup>17</sup> –, Antígona, rejeitando a cumplicidade de Ismênia e assinalando que ela deve optar pela vida, deixará claro que a escolha de cada uma delas, embora distintas, é fruto do “*tò phroneîn*”. Admitindo, então, que este é maleável, dirá: “pensas belamente para uns, eu, para outros”.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> S., *Ant.* 473-479.

<sup>17</sup> S., *Ant.* 563-564: Οὐ γὰρ ποτ', ὦναξ, οὐδ' ὅς ἄν βλάστηη μένει/ νοῦς τοῖς κακῶς πρᾶσσουσιν, ἀλλ' ἐξίσταται.

<sup>18</sup> S., *Ant.* 557: Καλῶς σὺ μὲν τοῖς, τοῖς δ' ἐγὼ ἴδοικον φρονεῖν.

Desse modo, a contraposição expressa entre a compreensão argumentativa de Creonte e a de Antígona dá-se em dois níveis: o cronológico, a juventude de Ismênia e Antígona, contrapostas à maturidade de Creonte, e a inflexibilidade do governante (ou do tirano), ao apontar para os excessos que o “*tò phroneîn*” pode conter frente ao relativismo indicado por Antígona diante da questão da obediência à lei e à religião.

Ao chegarmos aos versos dolorosos da abertura do Segundo Estásimo, “feliz o que em vida não provou amarguras”,<sup>19</sup> renunciando as dores que serão infligidas a Creonte, veremos mais uma vez um embate de “*tò phroneîn*” entre pai e filho, entre o jovem Hêmon e o pai Creonte, mediados pela ‘velhice’ do Corifeu.

Com a chegada de Hêmon, anunciada pelo Corifeu, no Terceiro Episódio, o debate acerca da ‘obediência’ ganha o estatuto do *oîkos*, para, em seguida, justificar a obediência às leis da cidade como sendo o justo:

εἰ γὰρ δὴ τὰ γ' ἐγγενῆ φύσει  
ἄκοσμα θρέψω, κάρτα τοὺς ἕξω γένους·  
ἐν τοῖς γὰρ οἰκείοισιν ὅστις ἔστ' ἀνὴρ  
χρηστός, φανεῖται κὰν πόλει δίκαιος ὢν.

“[...] Se eu tolerar os desmandos  
da minha gente, perderei autoridade sobre os demais.  
Quem é correto em sua própria casa  
também agirá de modo justo na cidade.”<sup>20</sup>

Ao contrapor a anarquia – que devasta cidades e casas – à prosperidade entabulada pela obediência, Creonte reafirmará o apoio devido àqueles que velam pela ordem (*toîs kosmouménōis*), sem jamais ceder a uma mulher, e o Corifeu, já mediando a fala seguinte de Hêmon, sublinhará a questão da temporalidade, ao afirmar:

Ἡμῖν μὲν, εἰ μὴ τῷ χρόνῳ κεκλέμμεθα,  
λέγειν φρονούντως ὢν λέγεις δοκεῖς πέρι

“se o tempo não me rouba o raciocínio,

<sup>19</sup> S., *Ant.* 584: Εὐδαίμονες οἷσι κακῶν ἄγευστος αἰών·

<sup>20</sup> S., *Ant.* 659-662. Tradução Schüler, com modificações.

posso afirmar que é sensato o que dizes.”<sup>21</sup>

Sob a suspeita imposta por *khrónos*, o Corifeu buscará saber o significado da condição de *phronoúntos* da fala de Creonte, isto é, qual o sentido da ação do *phroneîn* na defesa da obediência por ele apresentada. E, mais uma vez, o caráter unívoco contido na fala anterior de Creonte será confrontado com a fala jovem, agora de Hêmon.

Ao trazer à tona o medo que o poder de Creonte inspira ao homem do povo, Hêmon retornará à necessária flexibilidade de “*tò phroneîn*”: quem julga deter um *phroneîn* único (*mónos*), possui “língua e alma estranha aos outros”, e este, se o abrissemos, veríamos que está vazio, desprovido de “*tò phroneîn*”!<sup>22</sup>. Para o homem, continua Hêmon, ainda que seja sábio, aprender e continuamente ser flexível não é motivo de vergonha<sup>23</sup>; e, embora sendo jovem, pode reconhecer o velho dito que afirma que “nada supera o homem dotado de saber”, isto é, o “homem dotado de *epistéme*.”<sup>24</sup>

Entretanto, contrafazendo sua ‘maturidade’, Creonte irá indagar se é lícito a um homem de sua idade aprender com o *phroneîn* de um jovem<sup>25</sup>, e do conflito acerca dessa compreensão ‘entre as idades’ resultará a conclusão de Hêmon, de certo modo acordada pelo Corifeu, de que Creonte estava vazio de “*tò phroneîn*”, isto é, que havia perdido sua capacidade de ‘compreensão’: “Se não fosses meu pai, diria que estás louco”.<sup>26</sup>

Será, assim, nesse vazio de “*tò phroneîn*” que chegaremos ao Terceiro Estásimo, onde o poder de Éros e a sedução de Afrodite permearão o Quarto Episódio, quando até o Corifeu começará a distanciar-se das determinações do soberano de Tebas ao ver Antígona aproximar-se da câmara mortuária.

O distanciamento do Coro será, por sua vez, ratificado com a chegada de Tirésias, no Quinto Episódio, antecedido pelo Quarto Estásimo, com o belo canto à *deinótes* das *Moirai*, conclamando Creonte, no verso 996, ao

---

<sup>21</sup> S., *Ant.* 681-682.

<sup>22</sup> S., *Ant.* 707-708: ὅστις γὰρ αὐτὸς ἢ φρονεῖν μόνος δοκεῖ,/ ἢ γλώσσαν ἦν οὐκ ἄλλος ἢ ψυχὴν ἔχειν,/ οὗτοι διαπτυχθέντες ὥφθησαν κενοί.

<sup>23</sup> S., *Ant.* 710-711: Ἄλλ’ ἄνδρα, κεῖ τις ἢ σοφός, τὸ μανθάνειν/ πόλλ’ αἰσχρὸν οὐδὲν καὶ τὸ μὴ τείνειν ἄγαν.

<sup>24</sup> S., *Ant.* 720-721: [...] φήμ’ ἔγωγε πρεσβεύειν πολὺ/ φῦναι τὸν ἄνδρα πάντ’ ἐπιστήμης πλέων

<sup>25</sup> S., *Ant.* 726-727: Οἱ τηλικοῖδε καὶ διδαξόμεσθα δὴ/ φρονεῖν ὑπ’ ἀνδρὸς τηλικοῦδε τὴν φύσιν;

<sup>26</sup> S., *Ant.* 755:

Εἰ μὴ πατὴρ ἦσθ’, εἶπον ἄν σ’ οὐκ εὖ φρονεῖν.

“*tò phroneîn*”: “Que há de novo, ó velho Tirésias?” (Τί δ’ ἔστιν, ὦ γεραῖε Τειρρεσία;)<sup>27</sup>, pergunta Creonte ao adivinho, e ele responderá:

Φρόνει βεβῶς αὖ νῦν ἐπὶ ξυροῦ τύχης),  
[...]  
αὐθαδία τοι σκαιότητ’ ὀφλισκάνει.  
Ἄλλ’ εἶκε τῷ θανόντι, μηδ’ ὀλωλότα  
κέντει· τίς ἀλήκῃ τὸν θανόντ’ ἐπικτανεῖν;  
Εὔ σοι φρονήσας εὖ λέγω· τὸ μανθάνειν δὲ  
ἥδιστον εὖ λέγοντος, εἰ κέρδος λέγοι.

Toma cuidado, que agora a tua sorte está por um fio

[...]

A arrogância atrai a loucura.

Detém-te ante o morto. Não queiras matar

Quem já morreu. Que bravura há em exterminar um cadáver?

Falo pensando no teu bem. Doce é dar

ouvidos a quem fala bem, se é para nosso proveito.”<sup>28</sup>

E Creonte, não só acusando a velhice de Tirésias – “Ó velho, todos voltam os arcos sobre mim, como se eu fosse o alvo”<sup>29</sup> –, mas também aponto à acusação a sedução do lucro que revestiriam suas “palavras vistosas”, dispensará a *euboulía* sugerida pelo adivinho. E, sem compreender o significado de *euboulía* (que será depois retomada por Platão, no livro IV, da *República*, como sendo a definição da *sophía* do governante<sup>30</sup>), irá compreendê-la como negação de “*tò phroneîn*”, sendo incapaz de reconhecer que este vazio é exatamente a doença que o afeta:

{TE.} ὅσω κράτιστον κτημάτων εὐβουλία;  
{KP.} Ὅσω περ, οἶμαι, μὴ φρονεῖν πλείστη βλάβη.  
{TE.} Ταύτης σὺ μέντοι τῆς νόσου πλήρης ἔφους.  
Que compreender é o maior dos bens,

<sup>27</sup> S., *Ant.* 991.

<sup>28</sup> S., *Ant.* 99, 1028-1032.

<sup>29</sup> S., *Ant.* 1033-1034: Ἦν πρέσβυ, πάντες ὥστε τοξόται σκοποῦ/τοξεύετ’ ἀνδρὸς τοῦδε.

<sup>30</sup> Sobre a *euboulía* na *República*, vide o estudo de Lima 2012; Schofield 1999, especialmente os capítulos 2, 4 e 5, e, no pensamento arcaico, Stevens 1933 e Schofield 1999, cap. 1.

Como, penso, a falta de compreensão é o maior dos males.  
É precisamente esta a doença que te afeta.<sup>31</sup>

Dessa forma, concluindo esta rápida exposição sobre o “*tò phroneîn*” na *Antígona*, veremos o Corifeu, em uma nova menção ao tema da velhice, encontrar no processo de embranquecimento dos fios de seu cabelo a verdade das palavras do adivinho acerca da *euboulía* do governante. O desenrolar dos acontecimentos mostrará que o reconhecimento da ‘justiça’, da *dike*, por Creonte, foi tardio, pois o “*tò phroneîn*”, como condição primeira da *eu-daimonía*, é o que a velhice, tanto de Tirésias, quanto do Corifeu, ensinam.

Com a noção de “*tò phroneîn*” assim delineada na *Antígona*, podemos, então, passar para o texto da *República* e ao seu seu próêmio, o Livro I, onde o diálogo entre Céfalo e Sócrates acerca das condições epistêmicas e morais da velhice nos trará Sófocles como testemunho legítimo da compreensão da velhice como a descoberta dos ‘desejos’ que nos conduzem aos “prazeres do *lógos*”.<sup>32</sup>

## 2. A velhice e o argumento justo em *República*, I: os ecos de *Antígona*.

Antes de passarmos à discussão do passo 329a-d, parece-nos oportuno indicar alguns aspectos da estrutura dramática da *República* em sua dialógica acerca da justiça e da injustiça, sublinhando alguns elementos que nos parecem estar contidos na tragédia de Sófocles – o estatuto cronológico das personagens e suas relações de familiaridade: [i] o dos jovens, distinguidos sob diversos ângulos, além da idade – o da paternidade – no caso dos filhos de Céfalo, Polemarco, Lísias e Eutidemo; e o da *adelphía* – no caso dos irmãos de Platão, Gláucon e Adimanto –; [ii] o dos homens maduros, distinguidos pela cidadania de Sócrates e pelo *xenízein* de Trasímaco; e, [iii] o da velhice, na figura paterna de Céfalo. Portanto, a estrutura cronológica que medeia a construção de “*tò phroneîn*”, na *Antígona* irá também mediar a discussão acerca da busca dos sentidos de *dikaiosýnē* na *República*.

Por outro lado, vale mencionar também que a *República* constitui-se em uma espécie de narrativa mista (aquela que mescla a ‘*haplê diégēsis*’ à *mimesis*, tal como indicado em *República*, 394c), na qual Sócrates, travestido de

---

<sup>31</sup> S., *Ant.* 1050-1052. Tradução de Schüler, com modificações.

<sup>32</sup> Pl., *R.* 328d.

*mimetés*, narra a um interlocutor anônimo o que aconteceu no dia anterior quando ‘desceu’ ao Pireu com Gláucon para contemplar as Bendidéias, e como foi abalroado por Polemarco e Adimanto para que permanecesse no Pireu para ver a nova festa que seria oferecida à noite, o que havia feito com que ele e Gláucon fossem até à casa de Polemarco, para aguardar a festa religiosa noturna. Lá, como é do conhecimento de todos, teremos um longo diálogo, cujo tema é a construção, com o *lógos*, de uma *pólis* e de uma *polieía* justas, capazes, portanto, de superar o impasse trágico da *Antígona*.

Ao chegar a casa de Polemarco, além dos jovens e de Trasímaco, lá estava também Céfalo, com ar envelhecido (καὶ μάλα πρεσβύτης μοι ἔδοξεν εἶναι), sentado em uma cadeira almofadada e com uma coroa na cabeça, indicando que havia acabado de fazer um sacrifício no pátio da casa. Logo que viu Sócrates, Céfalo o saudou com as seguintes palavras:

Ὁ Σώκρατες, οὐ δὲ θαμίζεις ἡμῖν καταβαίνων εἰς τὸν Πειραιᾶ. χρῆν μέντοι. εἰ μὲν γὰρ ἐγὼ ἔτι ἐν δυνάμει ἢ τοῦ ῥαδίως πορεύεσθαι πρὸς τὸ ἄστυ, οὐδὲν ἂν σὲ ἔδει δεῦρο ἰέναι, ἀλλ’ ἡμεῖς ἂν παρὰ σὲ ἦμεν· νῦν δέ σε χρὴ πυκνότερον δεῦρο ἰέναι. ὡς εὔ ἴσθι ὅτι ἔμοιγε ὅσον αἰ ἄλλαι αἰ κατὰ τὸ σῶμα ἡδοναὶ ἀπομαραίνονται, τοσοῦτον αὖξονται αἰ περὶ τοὺς λόγους ἐπιθυμίαι τε καὶ ἡδοναί. μὴ οὖν ἄλλως ποιεῖ, ἀλλὰ τοῖσδέ τε τοῖς νεανίσκοις σύνησθι καὶ δεῦρο παρ’ ἡμᾶς φοίτα ὡς παρὰ φίλους τε καὶ πάνυ οἰκείους.

Ó Sócrates, tu também não desces lá muitas vezes ao Pireu para nos veres. Mas devias fazê-lo, porque, se eu ainda tivesse forças para ir facilmente até à cidade (ásty), não seria preciso tu vires cá, mas nós é que íamos visitar-te. Agora, porém, tu é que deves aparecer cá mais vezes. Fica a sabê-lo bem: para mim, quanto mais murcham os outros prazeres do corpo, tanto mais crecem os desejos e os prazeres do *lógos*. Não deixes de estar na companhia destes jovens, mas vem também aqui a nossa casa, não só como hóspede [*philous*], mas, também, como familiar [*oikeious*].<sup>33</sup>

Às quais Sócrates respondeu com sua indagação acerca da velhice:

<sup>33</sup> Pl., R. 328c 5 -7d 1-4. Tradução de Rocha Pereira, com modificações; grifos nossos.

Καὶ μὴν, ἦν δ' ἐγώ, ὦ Κέφαλε, χαίρω γε διαλεγόμενος τοῖς σφόδρα πρεσβύταις· δοκεῖ γάρ μοι χρήναι παρ' αὐτῶν πυνθάνεσθαι, ὥσπερ τινὰ ὁδὸν προεληλυθότων ἦν καὶ ἡμᾶς ἴσως δεήσει πορεύεσθαι, ποία τίς ἐστίν, τραχεῖα καὶ χαλεπή, ἢ ῥαδία καὶ εὐπορος, καὶ δὴ καὶ σοῦ ἡδέως ἂν πυθοίμην ὅτι σοὶ φαίνεται τοῦτο, ἐπειδὴ ἐνταῦθα ἤδη εἶ τῆς ἡλικίας ὃ δὴ “<ἐπὶ γήραος οὐδῶ>“ φασὶν εἶναι οἱ ποιηταί, πότερον χαλεπὸν τοῦ βίου, ἢ πῶς σὺ αὐτὸ ἐξαγγέλλεις.

Com certeza, ó Céfalο, disse eu, pois também me comprazo bastante em dialogar com pessoas de idade avançada (*presbýtai*). Efetivamente, parece-me que devemos informar-nos junto deles, como de pessoas que foram à nossa frente num caminho que talvez tenhamos de percorrer, sobre as suas características, se é áspero e difícil, ou fácil e transitável. Teria muito prazer em te ouvir discorrer sobre este assunto – uma vez que chegaste já à idade que os poetas chamam estar “no limiar da velhice (*géraos*)” – se é uma parte hostil da vida, ou que declarações (*exangélleis*) tens a fazer.<sup>34</sup>

Assim, uma primeira indicação da interlocução entre a *República* e a *Antígona* parece estar no *estatuto cronológico* das personagens e suas relações de familiaridade, os jovens, distinguidos sob diversos ângulos, além da idade: [i] o da *filiação* e o da ‘*adelphía*’, no caso de *Antígona*, Hémon e Creonte; Antígona e Ismênia; [ii] os homens maduros: Creonte, Sócrates e Trasímaco; e, [iii] e os homens velhos na figura paterna de Céfalο, em Tírésias e no Coro de velhos da *Antígona*. Portanto, a estrutura cronológica que medeia a construção de “*tò phronéin*” irá também mediar a discussão, isto é, o ‘diálogo’, acerca da busca dos sentidos de *dikaíosyne*, como veremos mais à frente.

Com essa indicação, passemos então ao contexto da narrativa de Céfalο, na qual Sófocles é duas vezes citado:

Ἐγώ σοι, ἔφη, νῆ τὸν Δία ἐρῶ, ὦ Σώκρατες, οἷόν γέ μοι φαίνεται. πολλάκις γάρ συνερχόμεθ' αἱ τινες εἰς ταῦτ' ὅν παραπλησίαν ἡλικίαν ἔχοντες, διασφύζοντες τὴν παλαιὰν παροιμίαν· οἷον πλεῖστοι ἡμῶν ὀλοφύρονται συνιόντες, τὰς ἐν τῇ νεότητι ἡδονὰς ποθοῦντες καὶ ἀναμνησκόμενοι περὶ τὰ φροδίσια καὶ περὶ πότους τε καὶ

<sup>34</sup> Pl. R., 338d-e. Tradução de Rocha Pereira, grifos nossos.

εὐωχίας καὶ ἄλλ' ἅττα ἃ τῶν τοιούτων ἔχεται, καὶ ἀγανακτοῦσιν ὡς μεγάλων τινῶν ἀπεστερημένοι καὶ τότε μὲν εὖ ζῶντες, νῦν δὲ οὐδὲ ζῶντες. ἔνιοι δὲ καὶ τὰς τῶν οἰκείων προπηλακίσεις τοῦ γήρωσ ὀδύρονται, καὶ ἐπὶ τούτῳ δὴ τὸ γῆρας ὑμνοῦσιν ὄσων κακῶν σφίσιν αἴτιον.

ἐμοὶ δὲ δοκοῦσιν, ὦ Σώκρατες, οὔτοι οὐ τὸ αἴτιον αἰτιᾶσθαι. εἰ γὰρ ἦν τοῦτ' αἴτιον, κἂν ἐγὼ τὰ αὐτὰ ταῦτα ἐπεπόνθη, ἔνεκά γε γήρωσ, καὶ οἱ ἄλλοι πάντες ὅσοι ἐνταῦθα ἦλθον ἡλικίας. νῦν δ' ἔγωγε ἦδη ἐντετύχηκα οὐχ οὕτως ἔχουσιν καὶ ἄλλοις, καὶ δὴ καὶ Σοφοκλεῖ ποτε τῷ ποιητῇ παρεγενόμην ἐρωτωμένῳ ὑπό τινος: “Πῶς,” ἔφη, “ὦ Σοφόκλεις, ἔχεις πρὸς τὰ φροδίσια; ἔτι οἴός τε εἶγυναϊκὴ συγγίγνεσθαι”; καὶ ὅς, “Εὐφήμει,” ἔφη, “ὦ ἄνθρωπε ἀσμενέστατα μέντοι αὐτὸ ἀπέφυγον, ὥσπερ λυττωντά τινα καὶ ἄγριον δεσπότην ἀποδράς.” εὖ οὖν μοι καὶ τότε ἔδοξεν ἐκεῖνος εἰπεῖν, καὶ νῦν οὐχ ἦττον. Παντάπασι γὰρ τῶν γε τοιούτων ἐν τῷ γήρῳ πολλὴ εἰρήνη γίγνεται καὶ ἐλευθερία· ἐπειδὴν αἱ ἐπιθυμῖαι παύσωνται κατατείνουσαι καὶ χαλάσωσιν, παντάπασιν τὸ τοῦ Σοφοκλέους γίγνεται, δεσποτῶν πάνυ πολλῶν ἐστὶ καὶ μαινομένων ἀπηλλάχθαι. ἀλλὰ καὶ τούτων περὶ καὶ τῶν γε πρὸς τοὺς οἰκείους μία τις αἰτία ἐστίν, οὐ τὸ γῆρας, ὦ Σώκρατες, ἀλλ' ὁ τρόπος τῶν ἀνθρώπων. ἂν μὲν γὰρ κόσμοι καὶ εὐκολοὶ ᾧσιν, καὶ τὸ γῆρας μετρίως ἐστὶν ἐπίπονον· εἰ δὲ μή, καὶ γῆρας, ὦ Σώκρατες, καὶ νεότης χαλεπὴ τῷ τοιούτῳ συμβαίνει.

Por Zeus que te direi, ó Sócrates, qual é o meu ponto de vista. Na verdade, muitas vezes nos juntamos num grupo de pessoas de idades aproximadas, respeitando o velho ditado. Ora, nessas reuniões, a maior parte de nós lamenta-se com saudades do prazer da juventude, ou recordando os gozos do amor, da bebida, da comida e de outros da mesma espécie, e agastam-se, como quem ficou privado de grandes bens e vivesse bem então, ao passo que agora não é viver. Alguns lamentam-se ainda pelos insultos que um ancião sofre dos seus parentes, e em cima disto entoavam uma litania de quantos males a velhice lhes é causa.

Mas, a meu ver, ó Sócrates, eles não insistem na verdadeira causa. Se a causa fosse a velhice, eu também, teria de passar por tudo aquilo, como tantas outras pessoas que alcançaram a minha idade. Ora, nesse particular já tenho encontrado muitos velhos com os quais nada disso aconteceu. De uma feita, [mesmo] estando eu na companhia do poeta

Sófocles, alguém lhe perguntou: “Como passas, ó Sófocles, no que respeita ao amor? Ainda és capaz de te unires a uma mulher?” Ao que ele respondeu: “Sinto-me felicíssimo por lhe ter escapado, como quem fugiu de um senhor despótico e selvagem”. Boa me pareceu, então, sua resposta, e hoje ainda a considero assim. De fato, a velhice engendra muita paz e liberdade; quando os desejos afrouxam o seu domínio e deixam de se fazer sentir, acontece inteiramente o dito sofocleano: livramo-nos de uma multidão de déspotas enlouquecidos. Mas, sobre isso e quanto aos familiares, a causa é uma só, não a velhice, ó Sócrates, mas o caráter dos homens. Para aqueles que forem *kósmioi* e *eúkoloí*, ordenados e bem dispostos, a velhice é um medido desconforto, se não forem assim, ó Sócrates, tanto a velhice, quanto a juventude, serão difíceis.<sup>35</sup>

Partindo do primeiro nível da conversa acerca da velhice, expresso na hospitalidade de Céfalo a Sócrates, já temos um tema que aproxima e que, na recepção platônica da *Antígona* sofocleana, parece oferecer uma correção ao efeito trágico: a conformação do *lógos*.

A *hýbris* por ele suscitada, tal como sublinhado no texto da *Antígona*, parece estar, na *República*, desativada pelo acréscimo radical do diálogo. A recepção de Céfalo a Sócrates parece preencher a aprendizagem (*edidaxo*) do “*tò phroneîn*” indicada pelo Corifeu, com a escolha de um certo tipo de diálogo, o diálogo filosófico (como o modo de ser da filosofia): aquele que se faz entre os que são *philoí* e *oikeíoi*, cuja voz atravessará a *paideía* do justo, e na medida em que for se constituindo, será, na velhice, um exercício da alma. Os prazeres descortinados pela velhice, que dizem respeito ao *lógos* e sua conformação dialógica, são, agora, determinadamente, ‘anímicos’, visto que explicitam a *hedoné* no todo da alma: sua extensão vai da *epithymía* ao *lógos*, legitimando assim os prazeres próprios a cada uma das partes da alma, descritas no livro IV. Portanto, aos “*megáloi lógoi*” Platão contrapõe o diálogo.

E será nesse mesmo contexto dialógico que Sócrates responderá à saudação de Céfalo: marcando aí a *hedoné* relativa ao *lógos*, o valor específico da conversa com os homens velhos, pois eles são, como já vimos, como um “*exángellos*”, como o mensageiro das tragédias que nos diz o que se passa fora da cena dramática; a menção não nos parece meramente circunstancial, mas, acreditamos, [é] seja um forte eco do texto trágico.

---

<sup>35</sup> Pl., R. 329a-d. Tradução de Rocha Pereira, com modificações.

Mas, Sócrates, talvez relembando a figura do velho Tirésias, indicará a especificidade do conhecimento a ser transmitido: aquele que tem uma idade avançada já percorreu um caminho que os outros ainda não conhecem em sua extensão, se é áspero e difícil ou fácil e transitável, e, ao contrário de Creonte, mostrará sua disposição em conhecê-lo, através do *lógos*, em sua função dialógica.

Atendendo, então, ao que lhe pede Sócrates, Céfalo irá falar largamente sobre a velhice, inicialmente, apontando para o que dizem os muitos anciãos de sua convivência, quando se juntam em reuniões que respeitam o velho ditado: “quem é de uma idade, agrada a quem é da mesma idade”, assinalando os lamentos aí contidos pela perda dos prazeres da juventude – os gozos do amor, da bebida, da comida e outros da mesma espécie –, agastando-se como se fosse uma grande (*megála*) privação, relativa à existência anterior, e ainda acrescentam os insultos que os velhos sofrem de seus familiares, entoando hinos aos males de que a velhice é causa.

Ora, a ‘novidade’ da narrativa de Céfalo é que ela expressa uma outra experiência da velhice, aquela na qual Sófocles, como no exemplo citado (e aqui seria interessante observar que a citação é feita na forma dialogal, resguardando, portanto, a dimensão trágica do autor dentro do diálogo, digamos, filosófico), dentre outros, é o fundamento de tudo que por ele será dito em seguida. É, pois, Sófocles quem afirma sobre o “bem estar” instalado pela velhice com a perda dos prazeres da juventude, e que foi ela quem lhe permitiu “livrar-se de um senhor delirante e selvagem” (329e). Garantida a primazia de Sófocles em tal compreensão da velhice, Céfalo acrescentará, não só seu integral acordo com as palavras do poeta, mas o reconhecimento das causas que permeiam as queixas de muitos velhos quanto às dificuldades da velhice,

[...] μία τις αἰτία ἐστίν, οὐ τὸ γῆρας, ὃ Σώκρατες, ἀλλ’ ὁ τρόπος τῶν ἀνθρώπων. ἂν μὲν γὰρ κόσμιοι καὶ εὐκόλοι ᾧσιν, καὶ τὸ γῆρας μετρίως ἐστὶν ἐπίπονον· εἰ δὲ μή, καὶ γῆρας, ὃ Σώκρατες, καὶ νεότης χαλεπὴ τῷ τοιούτῳ συμβαίνει.

[...] a causa é uma só, não a velhice, ó Sócrates, mas o caráter dos homens. Para aqueles que forem *kósmioi* e *eúkoloí*, ordenados e bem dispostos, a velhice é um medido desconforto, se não forem assim, ó Sócrates, tanto a velhice, quanto a juventude, serão difíceis.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Pl., R. 329d-e. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, com modificações.

Maravilhado com as palavras de Céfalos, Sócrates desejando que ele continuasse sua exposição, afirmará que a maior parte das pessoas não concordariam com ele se o ouvissem assim definir a velhice, argumentando que ele a suportava bem por ser rico e não em virtude de seu caráter, o que o levará a indagar acerca da origem da riqueza de Céfalos, se a obteve por herança ou aquisição.

A resposta de Céfalos, apontando para uma medida entre ele, o pai e o avô – pois o avô, que também se chamava Céfalos, havia recebido  $x$  e deixado para seu pai, Lisânias,  $x + y$  (herança e aquisição), e este, por sua vez, havia perdido um pouco desses bens, deixando  $z$  para Céfalos, que dar-se-ia por satisfeito se deixasse aos filhos  $z + y$ , isto é, uma quantia ligeiramente maior do que aquela que havia recebido do pai, Lisânias – já prenuncia o tratamento que será dado ao *lógos* quando este estiver também incluído entre os ‘bens’ a serem herdados por Polemarco. E dessa semelhança de nome e riqueza entre Céfalos e o avô é que Sócrates indagará “qual o *maior bem* que Céfalos retira da aquisição de uma grande riqueza (τί μέγιστον οἶει ἀγαθὸν ἀπολλελαυκέναι τοῦ πολλὴν οὐσίαν κεκτηῆσθαι)”. É, pois, para explicitar esse ‘μέγιστον ἀγαθόν’ advindo de sua ‘οὐσία’ que a questão do justo e da justiça ganhará contornos específicos e tornará possível a indagação socrática acerca da ‘definição’ da *dikaiosýnē*, em 331d 1-2.<sup>37</sup>

Ao sublinhar a impossibilidade de persuadir a muitos acerca do maior bem de que se pode beneficiar da aquisição de riquezas, Céfalos agregará ao tema da velhice a constatação da morte, pois a proximidade desta faz com que a velhice seja pensada em função de nossa partida para o Hades, e lá, se os poetas estão corretos, teremos de dar a *dike* para as injustiças cometidas ao longo de nossas vidas. E, se retomarmos a questão da antiga *dike*, veremos que ela também abre caminho para que, ao lado do temor renunciado pela tradição épica, Céfalos possa mencionar uma determinada condição para aqueles que têm a ‘consciência’ de não terem cometido injustiças e conduzido suas vidas de modo justo e piedoso: em lugar do temor da morte, desfrutaram de uma “prazerosa esperança, sempre boa condutora da velhice” (ἡδέϊα ἐλπίς ἀειπάρεστι καὶ ἀγαθὴ γερουτρόφος), tal como Píndaro diz em graciosos versos:

γλυκεῖά οἱ καρδίαν  
ἀτάλλοισα γερουτρόφος συναορεῖ  
ἐλπίς ἃ μάλιστα θνατῶν πολύστροφον  
γνώμαν κυβερνᾷ.

<sup>37</sup> Cf. Pl., *R.* 330d.

Doce esperança  
o acompanha, ama da velhice  
que alimenta o seu coração  
e mais que tudo, dos mortais a vacilante inteligência conduz.<sup>38</sup>

E aqui vale notar que a interpretação de Céfalo dos versos de Píndaro, interpretação que parece ser nitidamente platônica, atribuindo à ‘*γλυκεῖά ... ἔλπις*’ uma função ‘prazerosa e boa’, nos permite indagar se essa função não é também condição necessária à descoberta dos ‘prazeres do *lógos*’, visto que o prazer resultante dessa esperança consiste na boa condução da velhice através de uma vida justa e piedosa (*δικαίως καὶ ὀσίως τὸν βίον διαγάγει*); portanto, ao contrário do valor ambíguo da *ἐλπίς* pindárica, a correção proposta ao texto do poeta supõe, não só o contexto da morte de Sócrates – a necessidade de uma vida justa e piedosa, como o *Eutífron* já nos havia demonstrado –, mas, também, a indicação da impossibilidade da épica e da mélica oferecerem uma ‘definição’ da justiça possível, na versão platônica, apenas no âmbito dialógico do gênero filosófico. E a sequência dos argumentos de Céfalo e Sócrates irá ratificar essa posição.

Ao reconhecer que os versos de Píndaro se constituem em um ‘*εὖ λέγειν*’ admirável, Céfalo delimitará o grande bem de sua *ousía*, não para todos os homens, mas apenas para aqueles que forem ‘*ἐπιεικεῖ*’, comedidos:

τὸ γὰρ μηδὲ ἄκοντά τινα ἐξαπατῆσαι ἢ ψεύσασθαι, μηδ’ αὖ ὀφείλοντα ἢ θεῶ θυσίας τινὰς ἢ ἀνθρώπων χρήματα ἔπειτα ἐκεῖσε ἀπιέναι δεδιότα, μέγα μέρος εἰς τοῦτο ἢ τῶν χρημάτων κτήσις συμβάλλεται.

“Não enganar ninguém nem mentir, mesmo involuntariamente, nem ficar a dever, sejam sacrifícios aos deuses, seja dinheiro a um homem, e depois partir para o além sem temer nada – para isso a posse de riquezas contribui em alto grau.”<sup>39</sup>

Assim, será do encantamento com a total beleza das palavras de Céfalo que Sócrates poderá delas retirar sua inquirição acerca do fundamento da *politeía*,

<sup>38</sup> Pl., *R.* 331<sup>a</sup> 2-8. Píndaro, fr. 214 Snell.

<sup>39</sup> Pl., *R.* 331b 2-5.

Παγκάλως, ἦν δ' ἐγώ, λέγεις, ὦ Κέφαλε. τοῦτο δ' αὐτό, τὴν δικαιοσύνην, πότερα τὴν ἀλήθειαν αὐτὸ φήσομεν εἶναι ἀπλῶς οὔτως καὶ τὸ ἀποδιδόναι ἄν τις τι παρά του λάβῃ, ἢ καὶ αὐτὰ ταῦτα ἔστιν ἐνίοτε μὲν δικαίως, ἐνίοτε δὲ ἀδίκως ποιεῖν;

“Falas com toda a beleza, ó Céfalo, disse eu. Mas, esta mesma, a justiça, diremos assim simplesmente que ela consiste na verdade e em restituir aquilo que se tomou de alguém, ou diremos antes que essas mesmas coisas, umas vezes é justo, outras injusto fazê-las?”<sup>40</sup>

A recepção de Antígona parece-nos, então, integrar-se perfeitamente na variante platônica do “caráter dos homens” que explicita o conflito entre as diversas ordens de poder – o político e o religioso – narrado na tragédia, e imporá na sequência do argumento de Céfalo e na compreensão socrática dessa sequência uma nova variante da *adynamía* de Creonte em reconhecer a *dike* e com ela preencher o vazio de seu “*tò phroneîn*”. E, se aqui podemos entrever muitas das questões contidas no conflito da tragédia de Sófocles, o mais surpreendente será a solução socrática ao inferir das palavras de Céfalo o tema capaz de suplantar os efeitos do trágico: a busca da definição da justiça e do justo, da *dikaíosynē* e *tò dikaion*.

---

<sup>40</sup> Pl., R. 331c 1-4.

# Bibliografia

(Página deixada propositadamente em branco)

## Edições e traduções de autores antigos

- Adam, J. (1963), *The Republic of Plato*. Edited with critical notes, commentary and appendices by James Adam. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press. [reimpr. 1965].
- Albini, U. (ed.) (2000), *Euripide. Fenicie*. Introduzione e traduzione di Albini, U., note di Barberis, F. Milano: Garzanti.
- Ameis, K.F. and Hentze, C. (eds.) (1906<sup>4</sup>), *Homers Ilias*, II/4. Leipzig-Berlin: Teubner.
- Antigona. Manual de Leitura* (2010). TNSJ.
- Argentieri, L. (2003), *Gli epigrammi degli Antipatri*. Bari: Levante.
- Beschi, L. and Musti, D. (eds.) (1982), *Pausania. Guida della Grecia*, Libro I. *Lattica*. Milano: Mondadori.
- Brown, A. (1987), *Sophocles: Antigone* ed. w. translation and notes. Warminster: Aris and Philips.
- Corno, D. del (1982), *Sofocle. Edipo Re. Edipo a Colono. Antigone*, a cura di Del Corno, D., traduzione di Cantarella, R. Milano: Mondadori.
- Dain, A., Mazon, P., Irigoien J. (1902), *Trachines et Antigone*. Texte établi et traduction par Dain, A., Mazon, P., revue et corrigée J. Irigoien, J. Paris: Les Belles Lettres.
- Errandonea, I. (1959), *Sófocles. Tragedias. Edipo rey, Edipo en Colono*. Texto revisado y traducido por Errandonea, I. Barcelona: Ediciones Alma Mater.
- Faranda Villa, G. (ed.) (1998), *Publio Papinio Stazio. Tebaide*, I-II. Milano: Rizzoli.
- Gibbons, R., Segal, C. (2003), *Sophocles Antigone*. Oxford: Oxford University Press.
- Grégoire, H., Méridier, L., Chapouthier, F. (eds.) (2002), *Euripide. Tragédies*, Tome V, *Hélène-Les Phœniciennes*. Paris: Les Belles Lettres.
- Griffith, M. (2012), *Sophocles. Antigone*. Cambridge: University Press.
- Henderson, J. (2000), *Aristophanes. Birds. Lysistrata. Women at Themophoria*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Jebb, R. (1962), *Sophocles. The plays and Fragments. Antigone*. With critical notes, commentary and translation in english prose. 3.ed. Amsterdam: Adolf M. Hakkert Publisher.
- Joyal, M. (2000), *The platonic Theages*. An introduction, commentary, and critical edition. Stuttgart: Steiner.
- Kamerbeek J. C. (1978), *The Plays of Sophocles. Commentaries. III The Antigone*. Leiden, Brill.
- Kenney, E. J. (2011), *Ovidio. Metamorfosi*. Milano: Mondadori.
- Lloyd-Jones, H., Wilson, N. G. (1990), *Sophocles, Fabulae*. Oxford: Oxford University Press.
- Mastromarco, G. (ed.) (1983), *Commedie di Aristofane*. Torino: Utet.
- Mastrorarde, D.J. (1994), *Euripides: Phoenissae*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Mazon, P. (reimpr. 1967), *Sophocles. Les trachiniennes, Antigone, Ajax, Oedipe Roi*. Paris: Les Belles Lettres.
- Medda, E. (ed.) (2006), Eurípide. *Le Fenicie*. Milano: Rizzoli.
- Melro, F. (2000), *Sófocles. Antígona*. Introdução, tradução e notas. Mem Martins: Inquérito.
- Pearson, A. C. (1963), *The Fragments of Sophocles*. Edited with additional notes from the papers of Jebb, R. C., Headlam, W. G. Amsterdam: Adolf M. Hakkert Publisher.
- Powell, J. U. (1911), *The Phoenissae of Euripides*. London: Constable & Co.
- Rocha Pereira, M. H. (2013), Eurípides, *Medeia*. Trad. port. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. (2010), *Platão. A República*. Introdução, tradução e notas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. (2010), *Sófocles. Antígona*. Trad. port. Lisboa: Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H., Ferreira, J. R., Fialho, M. C. (2013), *Sófocles. Tragédias*. Coimbra: Minerva.
- Souillé, Joseph (1930), *Platon. Théagès*, in *Platon. Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres.
- Schüler, D. (2006), *Sófocles. Antígona*. Introdução, tradução e notas. Porto Alegre: LP&M.
- Várzeas, M. (2011), *Sófocles. Antígona*. Prefácio, tradução e notas. Vila Nova Famalicão: Húmus.

## Reescritas de temas clássicos

- Anouilh, J. (reimpr.1946), *Antigone*. Paris. La Table Ronde.
- Anouilh, J. (1961), *Teatro*. Trad. Bernárdez, A. Buenos Aires: Losada.
- Anouilh, J. (1998), *Antigone*. Paris. **editor**
- Bauchau, H. (1997), *Antigone*. Arles : Actes Sud.
- Bachau, H. (1999), *Journal d'Antigone (1989-1997)*. Arles : Actes Sud.
- Bachau, H. (2009), *La lumière Antigone*, poème pour le livret d'opéra de Pierre Bartholomé. Arles: Actes Sud.
- Cocteau, J. (1948), *Antigone*. Paris: Gallimard.
- Cocteau, J. (1992), *La machine infernale*. Paris: Livre de poche.
- Colom, G. (1935), *Antígona. Poema dramàtic*. Barcelona: Barcino.
- Correia, H. (2006), *Perdição. Exercício sobre Antígona*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Dantas, J. (1946), *Antígona. Peça em 5 actos, inspirada na obra dos poetas trágicos gregos e, em especial, na Antígona de Sófocles*. Lisboa: Bertrand.

- Du Chaxel, F. (2012), *C'est là qu'un jour...*, in *La vie, je l'agrandis avec mon stylo. L'engagement : écrits de jeunes et réflexions*. Paris, Ed. Théâtrales: 90-94.
- Espriu, S. (1955), *Antígona*. Palma de Mallorca: Ed. Moll.
- Espriu, S. (1969), *Antígona*. Barcelona: Edicions 62.
- Espriu, S. (1981), *Les roques i el mar: el blau*. Barcelona: El Mall.
- Hölderlin, F. (1804), “Antigonä”, seguido de “Anmerkungen zur Antigonä”, in Knaupp, M. (1992), *Friederich Hölderlin. Sämtliche Werke und Briefe. Band II* (edição). München, Carl Hanser: 317-76.
- Kierkegaard, S. (1942), *Antígona*. Trad. esp. de Albert, J. G. México : Seneca.
- Martín Elizondo, J. (1988), *Antígona entre muros*. Madrid: SGAE. [também publicado em *Primer Acto* 329 (2009) 169-190].
- Morante, E. (1968, reimpr.1995), *Il mondo salvato dai ragazzini e altri poemi*. Torino: Einaudi.
- Morante, E. (1976), *Algo en la historia*. Trad. de Moreno, J. Barcelona: Plaza y Janés.
- Morante, E. (1984), *Araceli*. Trad. Sánchez Gijón, A. Barcelona: Editorial Bruguera.
- Morante, E. (1992), *La Historia*. Trad. de Benítez, E. Barcelona: Círculo de Lectores.
- Morante, E. (1969), *La isla de Arturo*. Trad. de Guasta, E. Barcelona: Editorial Bruguera.
- Morante, Elsa (1995), *La soirée à Colone*, in *Le monde sauvé par les gamins*. Paris, Gallimard: 51-130.
- Morante, E. (2013), *La serata a Colono*. Torino: Einaudi.
- Morante, E. (2012), *Mentira y sortilegio*. Trad. de Ciurans Ferrándiz, A. Barcelona: Lumen.
- Morante, E. (1987), “Sul romanzo” (opiniões de 1959), *Pro o contro la bomba atomica e altri scritti*, a cura di Garboli. C. Milano, Adelphi: 41-73.
- Pedro, A. (1981), *Teatro Completo*. Lisboa, INCM: 255-330.
- Rosa, G. (1994), *A benfazeja*, in *Ficção completa*. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Sacramento, M. (1958), “Antígona – peça em um acto”. *Vértice* 182, vol. XVIII: 604-610.
- Sacramento, Mário (1959), *Teatro Anatómico*. Coimbra: Atlântida Editora.
- Sacramento, M. (1974), *Ensaio de Domingo – III*. Porto: Editorial Inova.
- Uceda, J. (2002), *En el viento, hacia el mar (1959-2002)*, Edición de Pujol Russell, S., Sevilla: Fundación José Manuel Lara.
- Uceda, J. (2013), *Escritos en la corteza de los árboles*. Sevilla: Fundación José Manuel Lara.
- Uceda, J. (1991), *Poesía*. Edición de Peñas Bermejo, F. J. Ferrol: Esquíu.
- Uceda, J. (1966), *Sin mucha esperanza*. Madrid: Ediciones Ágora.
- Yourcenar, M. (1974), *Feux*. Paris: Éditions Gallimard.

- Yourcenar, M. (2009), *Fuegos*. Trad. Calatayud, E. Madrid: Santillana.
- Yourcenar, M. (1995), *Lettres à ses amies et quelques autres*. Paris: Gallimard.
- Zambrano, M. (1967), *La tumba de Antígona*. México: Siglo XXI.
- Zambrano, M. (1967), "La tumba de Antígona", *Revista de Occidente* 54: 273-293.
- Zambrano, M. (2012), *La tumba de Antígona y otros textos sobre el personaje trágico*. Edición de Trueba Mira, V. Madrid: Cátedra.

## Estudios

- Adams, S. M. (1955), "The *Antigone* of Sophocles", *Phoenix* 9: 47-62.
- Aguiar e Silva, V. M. (1986), *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- Álvarez, Llano, Á. (ed.) (1994), *Antoloxía del cuentu asturianu contemporáneu*. Mieres: Editora del Norte.
- Aranguren, J. L. (2009), "En el estreno de *Antígona entre muros*. Antígona y democracia", *Primer Acto* 329: 145-149.
- Arguelles, J. L. (ed.) (2010), *Toma de terra. Poetas en lengua asturiana. Antología 1975-2010*. Gijón: Trea.
- Azcue, V. (2009), "Antígona en el teatro español contemporáneo", *Acotaciones* 23: 33-46.
- Azcue, V. (2011), "Heroísmo colectivo y defensa de los vivos en *Antígona entre muros* de José Martín Elizondo", in Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.): 346-353.
- Azcue, V. (2013), "From the Tomb to the Prison Cell: José Martín Elizondo's *Antígona entre muros*", in Duprey, J. (ed.): 147-162.
- Aznar Soler, M. (ed.) (1999), *El exilio teatral republicano de 1939*. Sant Cugat del Vallès: Associació d'Idees/GEXEL.
- Aznar Soler, M. (2009), "José Martín Elizondo en Toulouse. La creación del grupo 'Amigos del Teatro Español'", *Primer Acto* 329: 150-155.
- Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.) (2011), *El exilio republicano de 1939 y la segunda generación*. Sevilla: Editorial Renacimiento.
- Bachelard, G. (2006), *La poetica dello spazio*, a cura di E. Catalano. Bari: Fratelli Laterza (1957, *La poétique de l'espace*. Paris).
- Bañuls J. V. (1999), "La imposible disuasión del héroe trágico" in Álvarez, M. C., Iglesias Montiel, R. M. (eds.) (1999), *Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio*. Murcia, Universidad de Murcia: 543-551.

- Bañuls Oller, J. Vte. & Morenilla, C. (2008), “Antígona, viva a través de tiempos y culturas”, *Debats* 101/3: 73-87.
- Bañuls Oller, J. Vte. & Crespo Alcalá, P. (2008), *Antígona(s): Mito y personaje. Un recorrido desde los orígenes*. Bari: Levante Editori.
- Bañuls J. V., Morenilla C. (2008), “Rasgos esquileos en la caracterización de algunos personajes sofocleos”, *CFC (G)* 18: 73-87.
- Barata, J. O. (1991), *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bartoloni, G. and Michetti L. M. (eds.) (2013), *Mura di legno, mura di terra, mura di pietra: fortificazioni nel Mediterraneo antico. Atti del Convegno Internazionale Sapienza Università di Roma, 7-9 maggio 2012, Scienze dell'Antichità* 19, 2/3. Roma: Quasar.
- Belardinelli, A. M., Greco, G. (eds.) (2010), *Antigone e le Antigoni: storia forme fortuna di un mito*. Milano: Mondadori Education.
- Berenguer, A. (2007), “Antígona. Un arquetipo de mujer”, *Antígona* 1: 11-18.
- Bianchi, L., Nostro, S. (2013), “*La serata a Colono* di Elsa Morante. Regia di Mario Martone (Piccolo Teatro Grassi di Milano, stagione 2012/2013)”, [www.piccoloteatro.org/play/show/2012-2013/la-serata-a-colono](http://www.piccoloteatro.org/play/show/2012-2013/la-serata-a-colono).
- Bignotto, N. (1998), “O tirano clássico”, in *O tirano e a cidade*. São Paulo, Discurso Editorial: 85-103.
- Blundell, M. W. (1989), *Helping friends and harming enemies: a study in Sophocles and greek and ethics*. Cambridge, Cambridge University Press: 106-148.
- Bodeüs, R. (1984), “L'habile et le juste de l'Antigone de Sophocle au Protagoras de Platon”, *Mnemosyne* 37: -271-290.
- Bolado García, X. (2002), “El Surdimientu. El teatru”, in Ramos Corrada, M. (ed.), *Historia de la Literatura Asturiana*. Uviéu, Academia de la Lingua Asturiana: 695-715.
- Bonazzi, M. (2010), «Antigone contro il sofista», in Costazza, A., *La filosofia a teatro*. Milano, Cisalpino, Istituto Editoriale Universitario: 205-222.
- Bosch Juan, M. C. (1979), *Antígona en la literatura Moderna*. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona / Secretariado de Publicaciones, Intercambio Científico y Extensión Universitaria (síntese da tese de doutoramento).
- Bosch Juan, M. C. (1980), “Les nostres Antígones”, *Faventia* 2: 93-111.
- Bosch Mateu, M. (2010), “El mito de Antígona en el teatro español exiliado”, *Acotaciones* 24, enero-junio: 83-104.
- Bosi, A. (2003), *Céu, inferno*. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34.
- Bowra, C. M. (?1965), *Sophoclean tragedy*. Oxford: Clarendon Press.

- Brasete, M. F. (2011), "Sobre Antígona, um "ensaio dramático" de Mário Sacramento", in Ferreira 2011: 61-71.
- Bremond, M. (2005), "Femmes mythiques chez Yourcenar", in Ledesma Pedraz, M., Poignaut, R. (eds.), *Marguerite Yourcenar. La femme, les femmes, une écriture - femme?*, Actes du Colloque Intern. Baeza (Jaén) 19-23 de Noviembre de 2002. Clermont-Ferrand, SIEY: 219-232.
- Brescia, G. (1997), *La scalata del Ligure. Saggio di commento a Sallustio, Bellum Iugurthinum 92. 94*. Bari: Edipuglia.
- Bryan-Brown, A. N. (ed.) (1968), *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Burgess, D. (1987), "The Authenticity of the Teichoscopia of Euripides's *Phoenissae*", *CJ* 83: 103-113.
- Burnyeat, M. F. (2004), "Fathers and sons in Plato's *Republic* and *Philebus*", *Classical Quarterly* 54: 80-87.
- Calder, W. M. (1968), "Sophokles political tragedy, *Antigone*", *GRBS* 9: 389-407.
- Camacho Rojo, J. M. (2004), *La Tradición Clásica en las Literaturas Iberoamericanas del siglo XX: Bibliografía analítica*. Granada: Universidad de Granada.
- Camacho Rojo, J. M. (2012), "Recreaciones del mito de Antígona en el teatro del exilio español de 1939. I: María Zambrano, *La tumba de Antígona*", in Muñoz Martín, M. N., Sánchez Marín, J. A. (eds.): 15-40.
- Candido, A. (2006), *Literatura e cultura de 1900 a 1945*, in *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Caroli, M. (2012), "Erodoto VI 21, 2. Una censura teatrale e 'libreria'?", *A&R* 6: 157-179.
- Carrara, P. (1994a), "Sull'inizio delle 'Fenicie' di Euripide", *ZPE* 102: 43-51.
- Carrara, P. (1994b) "L'Inno a Helios di Elio Nicome e l'inizio delle 'Fenicie' di Euripide", *Eirene* 30: 37-41.
- Cartoni, F. (2006), "Introducción" a *Elsa Morante, El chal andaluz*, Ed. de Cartoni, F. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Castellaneta, S. (2013), *Il seno svelato ad misericordiam. Egesi e fortuna di un'immagine poetica*. Bari: Cacucci.
- Castellet, J. M<sup>a</sup> (1965), "Breve introducción a la obra de Salvador Espriu", *Primer Acto* 60: 6-8.
- Castillo, J. (1983), "La Antígona de María Zambrano", *Litoral* 121-123: 9-15.
- Catroga, F. (2001), *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Almedina.
- Ceracchini, S. (2011), "Le chiavi nascoste ne *La commedia chimica* di Elsa Morante", in *Elisse: studi storici di letteratura italiana* 6: 211-216.

- Cerezo Magán, M. (2011), "Pedro Montengón, jesuita y literato alicantino del siglo XVIII: su impronta clásica", *Nova Tellus* 29/1: 175-225.
- Chanter, T., Kirkland, S. D. (eds.) (2014), *The Returns of Antigone. Interdisciplinary Essays*. New York: SUNY Press.
- Chikiar Bauer, I. (2012), *Virginia Woolf. La vida por escrito*. Buenos Aires: Taurus.
- Cipriani, G. (1986), *Cesare e la retorica dell'assedio*. Amsterdam: J.C. Gieben.
- Conradie P. J. (1959), "The 'Antigone' of Sophocles and Anouilh. A Comparison", *Acta Classica*: 11-26.
- Cooper, D. (1967), *Picasso et le Théâtre*. Paris: Cercle d'Art.
- Cornford, F. M. (1907), "Elpis and Eros", *Classical Review* 21: 228-232.
- Couloubaritsis, L., Ost, J.-F. (eds.) (2004), *Antigone et la Résistance Civile*. Bruxelles: Les Éditions Ousia.
- Crane, G. (1989), "Creon and the 'Ode to Men' in Sophocles *Antigone*", *Harvard Studies in Classical Philology* 92: 103-116.
- Curnis, M. (2002), "Cenni figurativi tra parola e immagine. Forme della percezione visiva in Eur. *Phoe*. 99-155", *Quaderni del Dipartimento di Filologia Linguistica e Classica «Augusto Rostagni»* n.s. 1: 99-120.
- Curnis, M. (2004), "Addendum euripideum alla teicoscopia di *Phoe*. 99-155: Demetrio Triclinio ed esegesi metrica bizantina", *MEG* 4: 101-108.
- D'Angeli, C. (1993), "La presenza di Simone Weil ne *La Storia*", in AA. VV., *Atti del Convegno 'Per Elsa Morante' (Parigi 15-16 gennaio 1993)*. Milano, Linea d'Ombra editore: 109-135.
- De Martino, F. (1958), *Morte e pianto rituale nel mondo antico. Dal lamento pagano al pianto di Maria*. Torino: Einaudi.
- De Martino, F. (2001), "Generi di donne", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *El fil d'Ariadna*. Bari, Levante: 107-182.
- De Martino, F. (2002), "Donne da copertina", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *El perfil de les ombres*. Bari, Levante: 111-186.
- De Martino, F. (2013a), "Ekphrasis & pubblicità", in Marino, S., Stavru, A. (eds.), *Ekphrasis (= Estetica. Studi e ricerche 1)*: 9-22.
- De Martino, F. (2013b), "Ekphrasis e teatro tragico", in Quijada Sagredo, M. and Encinas Reguero, M. C. (eds.), *Retórica y discurso en el teatro griego*. Madrid, Ediciones Clásicas: 193-224.
- De Martino, F. (2013c), "Tra narrare e descrivere", in Ponzio, A. (ed.), *Figure e forme del narrare. Incontri di prospettive*. Lecce, Milella: 130-143.

- De Martino, F. (2014), “L’*ekphrasis* dello stupro: da Achille Tazio a Franca Rame”, in Cerrato, D., Collufo, C., Cosco, S., Martin Calvijo M. (eds.), *Estupro. Mitos antiguos & violencia moderna. Homenaje a Franca Rame*. Sevilla, ArCibel: 205-223.
- De Martino (2015) = F. De Martino, “«Lenticchie e legumi»: l’*ekphrasis* negli storici greci”, *Veleia* (cds).
- Deppman J. (2012), “Jean Anouilh’s *Antigone*”, in Ormand, K. (ed.), *A Companion to Sophocles*. Oxford, University Press: 523-537.
- Di Benedetto, V., Medda, E. (1997), *La tragedia sulla scena. La tragedia greca in quanto spettacolo teatrale*. Torino: Einaudi.
- Donzelli, E. (2007), “Edipo salvato da Antigone. *La serata a Colono* di Elsa Morante”, in Cappellini, K., Geri, L. (eds.), *Il mito nel testo. Gli antichi e la Bibbia nella letteratura italiana*. Roma, Bulzoni: 191-200.
- Duprey, J. (ed.) (2013), “Whose Voice Is This? Iberian and Latin American Antigones”, *Hispanic Issues On Line* (Fall 2013): 147-162.
- Duroux, R., Urdician, S. (eds.) (2010), *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Duroux, R., Urdician, S. (jun. 2012), « Cuando dialogan dos Antígona. *La tumba de Antígona* de María Zambrano y *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro», *Olivar* 13, n.º 17, La Plata. Versión on-line <http://www.scielo.org.ar/cgi-bin/wxis.exe/iah/>
- Ercolani, A. (2000), *Il passaggio di parola sulla scena tragica. Didascalie interne e struttura delle rhesis*. Stuttgart-Weimar: Metzler.
- Ercoles, M. and Fiorentini, L. (2011), “Giocasta tra Stesicoro (PMGF 222(b) ed Euripide (Fenicie)”, *ZPE* 179: 21-34.
- Ferrari, F. (1996), *Introduzione al teatro greco*. Milano: Sansoni.
- Ferreira, A. M. (2011), *Volta a Ler 4 - Mário Sacramento*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fialho, M. C. (1991), “A *Antígona* de Jean Cocteau”, *Biblos* 67: 125-152.
- Fialho, M. C. (1992), *Luz e Trevas no Teatro de Sófocles*. Coimbra: Universidade.
- Fialho, M. C. (1998), “Sófocles, *Rei Édipo*”, in Silva, M. F. (ed.): 73-74. -Flashar, H. (2000), *Sophokles. Dichter im demokratischen Athen*. München: C. H. Beck.
- Fialho, M. C. (2001), “A *Antígona* de Júlio Dantas”, in Morais, C. (ed.), *Máscaras Portuguesas de Antígona*. Aveiro, Universidade de Aveiro: 71-84.
- Fialho, M. C. (2006), “O mito clássico no teatro de Hélia Correia ou o cansaço da tradição”, in Silva 2006: 47-59.
- Fiorentini, L. (2006/2008), *Studi sul commediografo Strattide*. Tesi dottorato, Università di Ferrara.

- Fiorentini, L. (2010), "Elementi paratragici nelle *Fenicie* di Strattide", *DEM* 1: 52-68.
- Flashar, H. (2000), *Sophokles. Dichter im demokratischen Athen*. München: C. H. Beck.
- Fornaro, S. (1992), *Glauco e Diomede. Lettura di Iliade VI 119-236*. Venosa: Osanna.
- Fraisse, S. (1974), *Le mythe d'Antigone*. Paris: Armand Colin.
- Fucecchi, M. (1997), *La teichoscopia e l'innamoramento di Medea. Saggio di commento a Valerio Flacco «Argonautiche» 6, 427-760*. Pisa: ETS.
- Funaioli M.P. (2011), "Il pedagogo sulla scena greca", *DEM* 21: 76-87.
- Fusillo, M. (1995), "'Credo nelle chiacchiere dei barbari'. Il tema della barbarie in Elsa Morante e in Pier Paolo Pasolini", in C. D'Angeli, C., Magrini, G. (eds.), *Vent'anni dopo La Storia. Omaggio a Elsa Morante*. Pisa, Giardini: 97-129.
- Gallavotti, C. (1969), "Tracce delle poetica di Aristotele negli scoli omerici", *Maia* 21: 203-208.
- Galvão, W. N. (2000), *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha.
- García Sola M. C. (2009), "La otra Antígona de Jean Anouilh", in López, A., Pociña, A. (eds.), *En recuerdo de Beatriz Rabaza: comedias, tragedias y leyendas grecorromanas*. Granada, Universidad de Granada: 251-264.
- Genette, G. (1989), *Palimpsestos. La literatura en segundo grado*, trad. de Fernández Prieto, C. Madrid: Taurus.
- Gil, I. C. (2007), *Mitografias. Figurações de Antígona, Cassandra e Medeia no drama de expressão alemã do século XX*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Gil, L. (1962), "Antígona o la *areté* política. Dos enfoques: Sófocles y Anouilh", *Anuario de letras*, accesible online <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ral/article/view/38416/0> con acceso en diciembre de 2014.
- Goesch, K. (1955), *Raymond Radiguet*. Paris: La Palatine.
- Goff, B., Simpson, M. (2007), *Crossroads in The Black Aegean, Œdipus, Antigone, and Dramas of the African Diaspora*. Oxford: Oxford University Press.
- Goldhill, S., Osborne, R. (1999), *Performance culture and Athenian democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldhill, S. (2007), *How to Stage Greek Tragedy Today*. London: Univ. of Chicago Press.
- Gómez García, M. (1997), *Diccionario del teatro*, Tres Cantos: Ediciones Akal.
- González Delgado, R. (2012), *Canta, musa, en lengua asturiana. Estudios de traducción y tradición clásica*. Saarbrücken: EAE.
- González-Fierro, F., Yéschenko, A. (eds.) (2000), *Antoloxía poética asturiana (1639-2000) = Antología asturisiói poézii (1639-2000)*. Xixón: Coleutivu Manuel Fernández de Castro.

- Green, J. R. (1999), "Tragedy and the spectacle of the mind. Messenger Speeches, Actors, Narrative and Audience Imagination in Fourth Century BCE Vase-Painting", in Bergmann, B., Kondoleon, C. (eds.) (1999), *The Art of Ancient Spectacle*. Washington, Yale University Press: 37-63.
- Gubert, S. (1965), "Entrevista con Salvador Espriu", *Primer Acto* 60: 13-17.
- Guénoun, D. (1997), *Le théâtre est-il nécessaire ?*. Paris : Circé.
- Guérin J. (2010), "Pour une lecture politique de *l'Antigone* de Jean Anouilh", *Études Littéraires*, 1: 93-104.
- Guicharnaud, J. (1969), *Modern French Theatre from Giraudoux to Genet*. New Haven: Yale University Press.
- Hamburger, K. (1968), *Von Sophokles zu Sartre. Griechische Dramenfigurenantik und modern*. Stuttgart: Kohlhammer.
- Hathorn, R. Y., "Sophocles' *Antigone*: Eros in Politics", *Classical Journal* 54: 109-115.
- Hester, D. A. (1971), "Sophocles the unphilosophical. A study in the *Antigone*", *Mnemosyne* 24: 11-59.
- Howatson, M. C. (ed.) (1991), *Diccionario de la Literatura Clásica*. Trad. Ávila, C. M. et al. Madrid: Alianza Editorial.
- Hualde Pascual, P., Sanz Morales, M. (2008), *La literatura griega y su tradición*. Madrid: Ediciones Akal.
- Iglesias, A. (2005), "La aurora de Antígona", in AA. VV., *El tiempo luz. Homenaje a María Zambrano*. Córdoba, Diputación: 17-32.
- Iñiguez, M. (2001), *Esbozo de una enciclopedia histórica del anarquismo español*. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo.
- Jabouille, V. et al. (2000), *Estudios sobre Antigona*. Mem Martins: Inquérito.
- Jiménez Jiménez, J. et al. (1978), *Cuatro puntos teatrales. Teatro breve*. Bilbao: El Paisaje.
- Johnson, R. (1997), "María Zambrano as Antigone's sister: towards an ethical aesthetics possibility", *ALEC* 22: 181-194.
- Kautz, H. R. (1970), *Dichtung und Kunst in der Theorie Jean Cocteau*. Heidelberg: Buchbeschreibung.
- Khim, J. J. (1960), *Cocteau*. Paris: Gallimard.
- Kirkwood, G. M. (1958), *A study of Sophoclean drama*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Kitzinger, M. R. (2008), *The Choruses of Sophocles' Antigone and Philoktetes*. Leiden, Brill: 11-70.
- Knox, B. M. W. (1964), *The heroic temper: studies in sophoclean tragedy*. Los Angeles, Bekerley, Cambridge: University of California Press, Cambridge University Press.

- Korneeva, T. (2011), *Alter et ipse: identità e duplicità nel sistema dei personaggi della Tebaide di Stazio*. Pisa: ETS.
- Lamo de Espinosa, E. (ed.) (1995), *Culturas, estados, ciudadanos. Una aproximación al multiculturalismo en Europa*. Madrid: Ediciones Nobel.
- Lausberg, H. (1966), *Manual de retórica literaria. Fundamentos de una ciencia de la literatura*. Versão esp. Pérez Riesco, J. Madrid: Editorial Gredos.
- Lázaro Paniagua, A. (2012), “La Antígona de María Zambrano o el oficio de la piedad”, in López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, IUC: 253-259.
- Leccese, J. (2013), “‘Antigone’ di Elsa Morante – in ‘Serata a Colono’”, <http://donnarte.wordpress.com/2013/08/01/antigone-di-elsa-morante-in-serata-a-colono>.
- Lehmann, J. (1995), *Virginia Woolf*. Trad. de Conde Fisas, C. Barcelona: Salvat Editores.
- Lentini, G. (2013), “Tra *teikhosopia* e *teikhomachia*: a proposito delle mura dell’*Iliade*”, in Bartoloni-Michetti 2013: 187-195.
- Lesky, A. (1966), *La tragedia griega*. Trad. de Godó Costa, J. Barcelona: Editorial Labor.
- Librán Moreno, M. (2005), *Lonjas del banquete de Homero. Convenciones dramáticas en la tragedia temprana de Esquilo*. Huelva: Servicio de Publicaciones Universidad de Huelva.
- Llinares, J. B. (2001), “Noves interpretacions d’Antígona en la filosofia del segle XX”, in De Martino, F., C. Morenilla, C. (eds.), *El fil d’Ariadna*. Bari, Levante Editori: 217-234.
- Lloyd-Jones, H. (1966), “Problems of early Greek tragedy: Pratinas and Phrynichus”, *Cuadernos de la Fundación Pastor* 13: 11-33.
- López, A., Pociña, A. (2010), “La eterna pervivencia de Antígona”, *Florentia Iliberritana* 21: 345-370.
- López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.) (2012), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra: CECHC.
- López Gradoli, A. (ed.) (2007), *Poesía visual española (antología incompleta)*. Madrid: Calambur.
- Loureiro, J. (2012), “A solidão egoísta de Antígona, ou A acção parcial. Problemas teológicos e políticos na *Antígona* de Sófocles”, in Lopes, M. J. et al. (eds.), *Narrativas do poder feminino*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, UCP: 127-135.
- Lovatt, H.V. (2006), “The Female Gaze in Flavian Epic. Looking out from the Walls in Valerius Flaccus and Statius”, in Nauta, R. R., van Dam, H. J., Smolenaars, J. J. L. (eds.), *Flavian Poetry*. Leiden-Boston, Brill: 59-79.
- Mariño Davila, E. (2003), “Un experimentu lliterariu de nel Amaro: *Novela ensin titulu* (1991)”, *Lletres Asturienes* 82: 79-93.

- Mastromarco, G. (2012), “Erodoto e la *Presa di Mileto* di Frinico”, in Bastianini, G., Lapini, W., Tulli, M. eds., *Harmonia. Scritti di filologia classica in onore di Angelo Casanova*, Firenze, Firenze University Press: 483-494.
- Malé, J. (2007), “‘Car hem après que l’ amor vence la mort’. L’amor en els mites femenins de Salvador Espriu”, in Malé, J. & Miralles, E. (eds.), *Mites Clàssics en la literatura catalana moderna i contemporània*. Barcelona, Universitat de Barcelona: 123-145.
- Martín Elizondo, J. (1988), “Sobre mi ‘Antígona’”, in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 13.
- Mastrorarde, D. J. (1990), “Actors on High. The Skene Roof, the Crane, and the Gods in Attic Drama”, *CA* 9: 247-294.
- Mattioli, U. **desdobrar as iniciais para o índice** (ed.) (1995), *Senectus: la vecchiaia nel mondo classico – vol. I: Grecia*. Bolonha: **editor**
- Medda, E. (2005), “Il coro straniato: considerazioni sulla voce corale nelle ‘Fenicie’ di Euripide”, *Prometheus* 31: 119-131.
- Mee, E. B., Foley, H. P. (2011), *Antigone on the Contemporary World Stage*. Oxford: Oxford University Press.
- Miniconi, P. J. (1981), “Un thème épique: la *teichoskopia*”, in Chevalier, R. (ed.), *L’épopée gréco-latine et ses prolongements européens Calliope II*. Paris, Les Belles Lettres: 71-80.
- Miralles, C. (1979), “El món clàssic en l’obra de Salvador Espriu”, *Els Marges* 16: 29-48.
- Molinari, C. (1977), *Storia di Antigona (de Sofocle al Living Theatre). Un mito nel teatro occidentale*. Bari: De Donato.
- Monleón, J. (1988), “Del inmarchitable tema de la libertad”, in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 7-8.
- Moraes Augusto, M. G. (1992), « Le discours utopique dans la *République* de Platon », in Gély, S., *Sens et pouvoir de la nomination*. Montpellier, Publications de La Recherche, CNRS: 201-220.
- Morais, C. (1998), “António Pedro, *Antígona*”, in Silva, M. F. (ed.): 59-62.
- Morais, C. (ed.) (2001), *Máscaras Portuguesas de Antigona*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, C. (2004), “António Pedro, *Antígona* (glosa Nova da tragédia de Sófocles)”, in Silva, M. F. S. (coord.) (2004) 41-43.
- Morais, C. (2012), “Mito e Política: variações sobre o tema da *Antígona* nas recriações de António Sérgio e de Salvador Espriu”, in López, A., Pociña, A., Silva, M. F. (eds.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, CECH: 319-330.
- Morais, C. (2014), “Antígona, ‘a razão suprema da liberdade’: intertexto e metateatro na recriação de Carlos de la Rica (1968)”, in Pereira, B. F., Ferreira, A. M. (eds.): 97-108.

- Morante, E. (1987), "Sul romanzo", in *Pro o contro la bomba atomica e altri scritti*, a cura di Garboli, C. Milano, Adelphi: 41-73.
- Morenilla Talens, C. (2008), "La obsesión por Fedra de Unamuno (1912), Villalonga (1932) y Espriu (1978)" in López, A. & Pociña, A. (eds.), *Fedras de ayer y de hoy. Teatro, poesía, narrativa y cine ante un mito clásico*. Granada, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada: 435-480.
- Moreno i Doménech, M. (2010/11), *El tractament del grotesc a Antígona de Salvador Espriu*. Treball de Recerca del Màster Oficial Interuniversitari d'Estudis Teatral: Universitat Autònoma de Barcelona, <http://www.recercat.net/bitstream/handle/2072/170120/Eltractamentdelgrotesc.pdf>
- Moretón, S. (2011), "Antígona de María Zambrano", *Mediterránea 11/11*: 48-112 (en [www.retemediterranea.it](http://www.retemediterranea.it)).
- Morey, M. (1997), "Sobre Antígona y algunas otras figuras femeninas", in Rocha, T. (ed.), *María Zambrano: la razón poética o la filosofía*. Madrid, Tecnos: 150-158.
- Muñoz Martín, M. N. & Sánchez Marín, J. A. (eds.) (2012), *Homenaje a la Profesora María Luisa Picklesimer (In memoriam)*, Coimbra: CECHC.
- Nadeau, M. (1964), *Histoire du Surréalisme*. Paris: Éditions du Seuil.
- Nel Amaro (1989), "El teatro llariegu, un eficaz y forniu pegollu normalizador desaprocecháu", *Lletres Asturianas 34*: 17-28.
- Nel Amaro (1991), *Antígona, por exemplu*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Nel Amaro et al. (1992), *El secretu de la lluvia. Cuentos fantásticos*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Nieva de la Paz, P. (1999), "*La tumba de Antígona (1967): teatro y exilio en María Zambrano*", in Aznar Soler, M. (ed.), *El exilio teatral republicano de 1939*. Barcelona, Gexel: 287-302.
- Nussbaum, M. (2001), *The fragility of Goodness: luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, F. (2008), "Misoginia clássica: perspectivas de análise", in Soares, C., Calero Secall, I., Fialho, M. C. (eds.), *Norma e transgressão I*. Coimbra, IUC: 65-91.
- Oudemans, Th. C. W., Lardinois, A. P. M. (1987), *Tragic Ambiguity: Anthropology, Philosophy and Sophocles'Antigone*. Leiden: E. J. Brill.
- Paglia, S. (2011), "La sperimentazione linguistica e l'esplicitazione tematica dai romanzi alla *Serata a Colono* di Elsa Morante", *Critica letteraria 150* : 79-101.
- Paglia, S. (2011), "Note sulla proiezione intertestuale dall'*Edipo a Colono* di Sofocle alla *Serata a Colono* di Elsa Morante", *Maia 63* : 149-163.
- Paillard, M. C. (2005), "Margherite Yourcenar et Virginia Woolf 'dans le salon vaguement éclairé par les lueurs du feu': variations sur *Une chambre à soi*", in *Marguerite Yourcenar*.

- La femme, les femmes, une écriture - femme?*, Actes du Colloque Intern. Baeza (Jaén) 19-23 de Noviembre de 2002. Clermont-Ferrand, SIEY: 109-123.
- Papalexiou, E. (2010), «Mises en scène contemporaines d'Antigone », in Duroux, R., Urdician, S., *Les antigones contemporaines*: 87-102.
- Pasolini, P. P. (1991, 1998), *Il Vangelo secondo Mateo. Edipo re. Medea*. Introduzione di Morandini, M. Milano: Garzanti.
- Pelo, A. (2008), “ La Serata a Colono di Elsa Morante. Note sulla lingua e lo stile”, *La lingua italiana* 4 : 137-151.
- Pereira, B. F., Ferreira, A. (eds.) (2014), *Symbolon IV – Medo e Esperança*. Porto: FLUP.
- Pianacci, R. E. (2008), *Antígona: una tragedia latinoamericana*. Irvine, California: Ediciones Gestos.
- Pickard-Cambridge, A. W. (1996), *Le feste drammatiche di Atene*, Seconda edizione riveduta da Gould, J. e Lewis, D. M., trad. di Blasina, A., Scandicci (Firenze): La Nuova Italia (1968, Oxford: Oxford University Press).
- Picklesimer, M. L. (1998), “Antígona: de Sófocles a María Zambrano”, *Florentia Iliberritana* 9: 347-376.
- Pino Campos, L. M. (2007), “Antígona, de la piadosa rebeldía de Sófocles a la mística inmortal de María Zambrano”, *Antígona* 2: 78-95.
- Pino Campos, L. M. (2005), “La condena de Antígona y el exilio de María Zambrano: apuntes en torno a la historia sacrificial”, *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna* 23: 247-264.
- Pino Campos, L. M. (2010), “Antígona y sus circunstancias”, *Fortunatae* 21: 163-187.
- Piquero, J. L. (ed.) (2004), *Antoloxía del cuentu eróticu. Lliteratura asturiana contemporánea*. Uviéu: Ámbitu.
- Pociña, A. (2007), “Julia Uceda. ¿Poeta inexistente?”, in *Tecer con palabras. Mulleres na poesía en castelán, galego e portugués*. Santiago, Edicións Correo: 301-306.
- Prauscello, L. (2007), “‘Dionysiac’ Ambiguity: HomHymn 7.27: ὄδῃ δ’ αὐτ’ ἄνδρεςσι μελήσει”, *MD* 58: 209-216.
- Prieto Pérez, S. (1999), “El ethos de Eloísa y las figuras trágicas de Electra y Antígona en María Zambrano a propósito de una distinción lucreciana”, in Adiego, I.-X. (ed.), Actes del XIII Simposi de la Secció catalana de la S.E.E.C. Tortosa, Adjuntament: 263-269.
- Pujol, M. (1999), “José Martín Elizondo: de una memoria defendida a un «teatro sin fronteras»”, in Aznar Soler, M. (ed.): 331-347.
- Pujol, M. (2009), “José Martín Elizondo. Una intensa vida de teatro”, *Primer Acto* 329: 156-168.

- Pulquério, M. (1987), *Problemática da tragédia sofociana*. Coimbra. **editor**
- Quance, R. A. (2001), *La tumba de Antígona de María Zambrano: Política y misterio*. Madrid: Visor Libros.
- Quijada Sagredo, M. (2013), “La retórica de la súplica: los discursos de Adrasto y de Etra (Eurípides, *Supp.* 162-92 y 297-331)”, in Quijada Sagredo, M., Encinas Reguero, M. C. (eds.), *Retórica y discurso en el teatro griego*, Madrid, Ediciones Clásicas: 31-60.
- Radatz, H.-I., Torrent-Lenzen, A. (eds.) (2006), *Iberia polyglotta. Zeitgenössische Gedichte und Kurzprosa in den Sprachen der Iberischen Halbinsel. Mit deutscher Übersetzung*. Titz: Axel Lenzen Verlag.
- Ragué Arias, M<sup>a</sup> J. (1989), *Els personatges femenins de la tragèdia grega en el teatre Català del segle XX*. Sabadell: AUSA.
- Ragué Arias, María José (1990), *Els personatges femenins de la tragèdia grega en el teatre català del XX*. Sabadell: Editorial AUSA.
- Ragué, M. J. (1991), *Los personajes y temas de la tragedia griega en el teatro gallego contemporáneo*. Sada – A Coruña: Edición do Castro.
- Ragué Arias, M. J. (1992), *Lo que fue Troya: los mitos griegos en el teatro español actual*. Madrid: Asociación de Autores de Teatro.
- Ragué Arias, M. J. (1994), “La ideología del mito. Imágenes de la Guerra Civil, de la posguerra y de la democracia surgidas a partir de los temas de la Grécia Clásica en el teatro de siglo XX en España”, *Kleos* 1: 63-69.
- Ragué Arias, M. J. (1996), *El teatro de fin de milenio en España (de 1975 hasta hoy)*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Ragué Arias, M. J. (2005), “Del mito contra la dictadura al mito que denuncia la violencia y la guerra”, in Vilches de Frutos, M. F.: 11-21.
- Ragué Arias, M. J. (2011), “Mito y teatro en José Martín Elizondo”, in Aznar Soler, M., López García, J. R. (eds.): 362-369.
- Ramos, M. L. (1991), *Análise estrutural de Primeiras Estórias*, in Coutinho, E. F. (ed.), *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Real, M. (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010. Labirinto da razão e a Fonte de Deus*. Lisboa: INCM.
- Rebello, L. F. (1984). *100 Anos do Teatro Português*. Lisboa: Brasília Editora.
- Ripoli, M., Rubino, M. (eds.) (2005), *Antigone. Il mito, il diritto, lo spettacolo*. Genova: De Ferrari & Devega.
- Roda, F. (1965), “Notas al estreno de la primera versión de *Antígona*”, *Primer Acto* 60: 38-39.
- Rodighiero, A. (2007), *Una serata a Colono. Fortuna del secondo Edipo*. Verona: Edizioni Fiorini.

- Romero Mariscal, L. (2012), "Figuras del logos femenino en Virginia Woolf: Las razones de Antígona", in De Martino, F., Morenilla, C. (eds.), *Teatro y sociedad en la Antigüedad clásica. El logos femenino en el teatro*. Bari, Levante Editori: 557-582.
- Romero Mariscal, L. (2012), *Virginia Woolf y el Helenismo, 1807-1925*. Valencia: Ed. Diputació de Valencia.
- Romilly, J. (1971), *Le temps dans la tragédie grecque*. Paris: J. Vrin.
- Ruiz, M. (1988), "Una 'Antígona' entre muros...", in Martín Elizondo, J., *Antígona entre muros*. Madrid, SGAE: 9-11.
- Sarabando, J., Correia, J. Sacramento, C. (2009), *Livro de Amizade. Lembrando Mário de Sacramento*. V. N. de Famalicão: Ed. Húmus.
- Sánchez Vicente, X. X. (1991), *Crónica del Surdimientu (1975-1990)*. Oviedo: Barnabooth.
- Santiago Bolaños, M. (2010), "María Zambrano dialogue avec Antigone", in Duroux, R., Urdician, S. (eds.), *Les Antigones contemporaines...*: 75-86.
- Saxonhouse, A. (1986), "From tragedy to hierarchy and back again: women in Greek political thought", *American Political Science Revue* 80: 403-448.
- Schofield, M. (1999), *Saving the city: Philosopher-Kings and other classical paradigms*. London, New York: Routledge.
- Segal, C. P. (1964), «Sophocles' Praise of Man and the conflicts of the *Antigone*», *Arion* 24: 46-60.
- Seale, D. (1982), *Vision and stagecraft in Sophocles*. London and Canberra: Croom Helm.
- Sgorlon, C. (1988), *Invito alla lettura di Elsa Morante*, Milano: Mursia editore.
- Silva, M. F. (ed.) (1998), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. I. Lisboa: Edições Colibri / FLUC.
- Silva, M. F. (ed.) (2004), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. III. Coimbra: FLUC.
- Silva, M. F. (ed.) (2006), *Furo: ensaios sobre a obra dramática de Hélia Correia*. Coimbra: IUC.
- Silva, M. F. (2010), "Le mythe d'Antigone sur la scène portugaise du XX<sup>e</sup> siècle", in Duroux, R. et Urdican, S. (eds.), *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal: 287-294.
- Siti, W. (1995), "Elsa Morante nell'opera di Pier Paolo Pasolini", in D'Angeli, C., Magrini, G. (eds.), *Vent'anni dopo La Storia. Omaggio a Elsa Morante*. Pisa: Giardini.
- Soares, C., Calero Secall, I., Fialho, M. C. (eds.) (2008), *Norma e transgressão I*. Coimbra: IUC.
- Soares, C. Fialho, M. C., Alvarez Morán, M. C., Iglesias Montiel, R. M. (eds.) (2011), *Norma e transgressão II*. Coimbra: IUC.
- Staley, G. A. (1985), «The literary ancestry of Sophocles' 'Ode to Man'», *Classical World* 78: 561-570.

- Steiner, G. (1991), *Antígonas*. Trad. Bixio, A. L. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Steiner, G. (1995; reimp. 2008), *Antígonas*. Trad. port. de Pereira, M. S. Lisboa: Relógio d'Água.
- Steiner, G. (1996), "Tragedy, pure and simple", in Silk, M. (ed.), *Tragedy and the tragic. Greek theatre and beyond*. Oxford, Clarendon Press: 534-46.
- Stevens, E. B. (1933), «The topics of counsel and deliberation in Prephilosophical Greek Literature», *Classical Philology* 28: 104-120.
- Styan, J. (1973), *The Elements of Drama*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Suder, W. desdobre-me esta inicial, por favor, para o índice (1991), *Genas. Old age in Greco-Roman Antiquity. A classified bibliography*. Wrocław: **editor**
- Taplin, O. (1989), *The stagecraft of Aeschylus. The Dramatic Use of Exits and Entrances in Greek Tragedy*. New York: Clarendon Press (with corrections; Oxford University Press 1977<sup>1</sup>).
- Trueba Mira, V. (2010), "La sierpe que sueña con el pájaro (algunos apuntes sobre María Zambrano, dramaturga)", *Aurora* 11: 103-116.
- Ubersfeld, A. (1974), *Le roi et le bouffon*, Paris: Lire le théâtre. Éditions sociales.
- Urdician, S. (2008), « Antigone, du personnage tragique à la figure mythique », in Léonard-Roques, V. (ed.), *Figures mythiques, Fabrique et métamorphoses*. Clermont-Ferrand, PUBP: 87sqq.
- Van Leeuw, M.-N. (2013), *Le Mythe d'Antigone: sources et evolution*. Editions des 3 hibouks (e-book).
- Várzeas, M. (2011), *Sófocles. Antígona*. Vila Nova de Famalicão: Humus (TNSJ).
- Vilches de Frutos, M. F. (2005), *Mitos e identidades en el teatro español contemporáneo (Foro Hipánico 27)*. Amsterdam/New York: Edicions Rodopi.
- Vilches de Frutos, M. F. (2006), "Mitos y exilios en la construcción de la identidad colectiva: Antígona en el teatro español contemporáneo", *Hispanística XX* 24: 71-93.
- Vox, O. (1981), "Omero, Polibio, Dione Cassio: notizie editoriali", *Belfagor* 36: 81-83.
- Wiltshire, S. F. (1976), "Antigone's disobedience", *Arethusa* 9: 29-36.